

**ECOTURISMO NA ILHA DE SANTA CATARINA: UM  
ESTUDO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Kerlei Enele Sonaglio

**ECOTURISMO NA ILHA DE SANTA CATARINA: UM  
ESTUDO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Engenharia Ambiental da  
Universidade Federal de Santa Catarina  
como requisito parcial para obtenção  
do grau de Mestre em  
Engenharia Ambiental

Orientadora: Profa. Édis Mafra Lapolli, Dra.

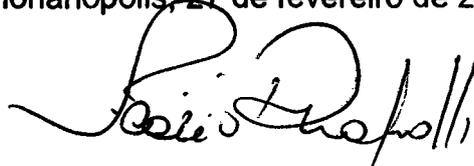
Florianópolis  
2002

Kerlei Enele Sonaglio

## **ECOTURISMO NA ILHA DE SANTA CATARINA: UM ESTUDO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do grau de **Mestre em Engenharia Ambiental** no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2002.



Prof. Flávio Rubens Lapolli, Dr.  
Coordenador do Programa

### **BANCA EXAMINADORA**



Profa. Édis Mafra Lapolli, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Orientadora



Prof. Flávio Rubens Lapolli, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Ana Maria Benciveni Franzoni, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Aos seres,  
que em seu movimento  
pacífico e amoroso,  
iluminam o Universo.**

## **Agradecimentos**

**O presente estudo é resultado de dedicação e esforço para chegar  
ao início de *Algo Maior*.**

**É fruto da atenção, orientação, entusiasmo, força e sentimento  
prestativo de algumas pessoas.**

**Agradeço, incondicionalmente, o meu Grande Pai, por sustentar  
minha fé e esperança.**

**Aos meus pais Decio e Elisabeth, avós e padrinhos, pelo carinho e  
incentivo em todo o período acadêmico e em minha vida.**

**Aos colegas e professores do laboratório Ana Maria, Cláudia, Érica,  
Fernanda, Liane, Sheila e Lucas, pelo apoio e atenção.**

**Ao professor Flávio, que acreditou e possibilitou meu ingresso no  
mestrado da Engenharia Ambiental da UFSC.**

**Meus agradecimentos à orientadora e professora Édis, que abraçou  
e deixou fluir minhas idéias num mestrado acadêmico, acreditando e  
despertando possibilidades de se tornar real.**

**Aos “mestres transdisciplinares” que percebem, buscam e  
despertam paz, amor, simplicidade e complexidade nos corações e  
espíritos de Gaia.**

**Ao Rodrigo, que com seu carinho, compreensão e dedicação, foi  
companheiro neste caminho de amor pela vida.**

## **A Espera**

***A água acima, no céu, toma a forma de nuvens. Quando as nuvens se elevam, a chuva não tarda; assim todas as coisas, sem exclusão, são alimentadas e favorecidas. Não há nada a fazer senão esperar que a chuva caia.***

***O mesmo ocorre na vida, quando o destino articula seus movimentos. Não se deve ceder a preocupações nem procurar moldar o destino com intervenções prematuras. Ao contrário, deve-se, com tranquilidade, fortificar o corpo, comendo e bebendo, e o espírito, através da alegria e do bom humor. O destino virá no seu tempo devido e então se estará preparado.***

***Provérbio Taoísta***

## Resumo

**SONAGLIO, Kerlei Enele. Ecoturismo na Ilha de Santa Catarina: Um estudo para o desenvolvimento sustentável. 2002. 78 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, UFSC, Florianópolis.**

O ecoturismo auxilia na conservação da autenticidade do ambiente e das comunidades receptoras para as gerações futuras. Encontra no desenvolvimento do turismo sustentável opção de preservação dos seus recursos naturais. No contexto da nova revolução tecnológica, surge e desenvolvem-se valores e estilos de vida que incidem, claramente, na evolução do mercado turístico mundial. A Ilha de Santa Catarina segue o fluxo evolutivo dos grandes centros urbanos e a efervescência das regiões turísticas potenciais, têm despertado empreendedores dispostos a investir e apostar em propostas para o desenvolvimento do turismo de massa. Os paradigmas que envolvem todo este ciclo turístico instalado na Ilha, que atua e pretende atuar em ecossistemas frágeis, antecipam a problemática da implantação, pois se referem, em sua maioria, a modelos que apresentam "soluções presentes" e problemas futuros ainda maiores. Pode-se aprender com a transição de paradigmas e não apenas utilizá-los para uma nova construção de realidade. A transdisciplinaridade é reconhecida em face de estar regida por lógicas distintas, pelo reconhecimento de diferentes níveis de realidade, e ainda, pela zona de não resistência; além de estar baseada no raciocínio complexo, ampliando as possibilidades de melhor realizar os projetos ecoturísticos e auxiliando na conduta dentro do domínio das experiências. A percepção do ambiente, alterna-se em simplicidade e complexidade, conforme a disciplina que o pesquisa e observa. Os diferentes níveis de realidade percebidos, podem ser discutidos e analisados, através do estabelecimento de um domínio lingüístico que contribui expressivamente ao objetivo final. Neste contexto, o estudo propõe o desenvolvimento sustentável do ecoturismo, na Ilha de Santa Catarina, numa abordagem transdisciplinar.

**Palavras-chave: Ecoturismo; Desenvolvimento Sustentável, Transdisciplinaridade.**

## **Abstract**

**SONAGLIO, Kerlei Enele. Ecoturismo na Ilha de Santa Catarina: Um estudo para o desenvolvimento sustentável. 2002. 78 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, UFSC, Florianópolis.**

The ecotourism assists in conserving both the environment's authenticity and the receiving communities for future generations. It finds in the development of the sustainable tourism an option for the preservation of its natural features. In the context of the new technological revolution, new values and lifestyles arise and develop, which influences considerably on the evolution of the worldwide tourism market. The Island of Santa Catarina experiences this evolution as other great urban centers and this sudden excitement about some potential touristy areas has caught the attention of investors who are willing to bet high on proposals for developing mass tourism in the referred areas. The paradigms from this touristy cycle installed in the Island, that acts and intends to act on fragile ecosystems, anticipate the problems for implementing mass tourism, once the models presented can actually solve current problems but can also generate bigger ones. It can be learned from the transition of paradigms and not only to use them for a new construction of reality. The transdisciplinarity is recognized in face to be prevailed for distinct logics, recognition of different levels of reality, and still, for the zone of non-resistance; besides being established in the complex reasoning, extending the possibilities for better executing the ecotourism designs and assisting in keeping the behavior inside of the domain of the experiences. The perception of the environment, alternates between simplicity and complexity, regarding the discipline that researches and observes it. The different perceived levels of reality, can be argued and analyzed, through the establishment of a linguistic domain that contributes sufficiently to the final objective. In this context, the study considers the sustainable development of the ecotourism, in the Island of Santa Catarina, in an approach based on transdisciplinarity.

**Key-words: Ecotourism; Sustainable Development; Transdisciplinarity.**

## Sumário

Lista de Figuras .....	p.xi
Lista de Tabelas .....	p.xii
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>p.1</b>
<b>1.1 Origem do trabalho .....</b>	<b>p.1</b>
<b>1.2 Objetivos do trabalho.....</b>	<b>p.2</b>
1.2.1 Objetivo geral .....	p.2
1.2.2 Objetivos específicos .....	p.2
<b>1.3 Justificativa e importância do trabalho .....</b>	<b>p.3</b>
<b>1.4 Estrutura do trabalho .....</b>	<b>p.4</b>
<b>2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO .....</b>	<b>p.5</b>
2.1 Características geográficas .....	p.5
2.2 Características geológicas .....	p.6
2.3 Características geomorfológicas e do relevo .....	p.7
2.4 Características hidrográficas .....	p.7
2.5 Características climáticas .....	p.9
2.6 Aspectos bióticos .....	p.10
2.7 Ocupação humana .....	p.12
2.7.1 Dados históricos .....	p.12
2.8 Aspectos socioeconômicos e culturais .....	p.13
2.9 Infra-estrutura e equipamentos urbanos .....	p.15
2.10 Aspectos turísticos .....	p.17
2.10.1 Atrativos naturais .....	p.18
2.10.2 Atrativos histórico-culturais .....	p.22
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>p.26</b>
<b>3.1 Desenvolvimento sustentável: conceitos .....</b>	<b>p.26</b>
<b>3.2 Turismo .....</b>	<b>p.29</b>
3.2.1 Conceitos .....	p.30
3.2.2 Turismo sustentável .....	p.33
<b>3.3 Ecoturismo .....</b>	<b>p.34</b>
3.3.1 Conceitos .....	p.34
3.3.2 Características e desenvolvimento .....	p.36
3.3.3 Diretrizes, programas e projetos .....	p.38
3.3.4 Unidades de conservação ambiental e áreas protegidas da Ilha .....	p.41
3.3.4.1 Instituídas por Legislação Federal .....	p.41
3.3.4.2 Instituídas por Legislação Estadual .....	p.42
3.3.4.3 Instituídas por Legislação Municipal .....	p.42
<b>3.4 Transdisciplinaridade .....</b>	<b>p.44</b>
3.4.1 Pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade .....	p.45
3.4.2 Conceitos .....	p.46
3.4.3 Dimensões de realidade e de percepção .....	p.48
<b>4 ECOTURISMO: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL .....</b>	<b>p.53</b>
4.1 Dimensão afetiva .....	p.55

<b>4.2 Dimensão conceitual .....</b>	<b>p.55</b>
<b>4.3 Dimensão estratégica .....</b>	<b>p.56</b>
<b>4.4 Dimensão conceitual .....</b>	<b>p.56</b>
<b>4.5 Dimensão cognitiva .....</b>	<b>p.57</b>
<b>4.6 Dimensão efetiva .....</b>	<b>p.58</b>
<b>5 CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS .....</b>	<b>p.59</b>
<b>5.1 Conclusões .....</b>	<b>p.59</b>
<b>5.2 Sugestões para futuros trabalhos .....</b>	<b>p.60</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>p.61</b>

## Lista de Figuras

Figura 2.1: Localização da Ilha de Santa Catarina .....	p.6
Figura 2.2: Lagoa da Conceição .....	p.8
Figura 2.3: Lagoa do Peri .....	p.9
Figura 2.4: Atividade Pesqueira no Pântano do Sul .....	p.14
Figura 3.1: A Perspectiva Transdisciplinar Metodológica .....	p.49
Figura 4.1: Perspectiva Transdisciplinar Metodológica para o Ecoturismo .....	p.54

## Lista de Tabelas

Tabela 2.1: Principais Atrativos Turísticos .....	p.18
Tabela 2.2: Principais Praias .....	p.21

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Origem do trabalho

O turismo é mais antigo do que a própria expressão. Desde os primeiros jogos olímpicos em 776 a.C., foram promovidas as primeiras viagens que, tempos depois, intensificaram-se com a descoberta das propriedades de cura das águas minerais (OLIVEIRA, 1998).

O turismo aconteceu seguindo o fluxo natural das civilizações acompanhado da evolução econômica e industrial. O auge da atividade ocorreu a partir de 1970, com o advento do turismo de massa, evidencia Trigo (1996), que utilizou de forma explorativa os espaços naturais. Este paradigma encontrou resistência, principalmente nos últimos dez anos. O surgimento de Organizações Não-Governamentais – ONGS - e uma nova consciência pela educação ambiental, contribuíram para o movimento paradigmático e construiu alternativas que contribuíram para o advento do ecoturismo.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Turismo - Embratur (2001), acredita-se que mais de meio milhão de pessoas pratiquem ecoturismo no Brasil. As regiões com potencial para a prática da atividade têm apresentado problemáticas quanto à conservação ambiental, ocasionada pela relação antropocêntrica com a natureza em discordância com as premissas ambientais.

A Ilha de Santa Catarina é constituída por uma geografia interessante para o desenvolvimento do ecoturismo. A percepção do ambiente alterna-se em simplicidade e complexidade, conforme a disciplina que o pesquisa e o observa.

Os diferentes níveis de realidade percebidos podem ser discutidos e analisados através do estabelecimento de um domínio lingüístico, que contribui expressivamente ao planejamento do ecoturismo. O raciocínio dialógico, a cognição e a sustentabilidade são elementos a serem estudados, numa abordagem transdisciplinar, para a estruturação da atividade planejada.

O ecoturismo promove a conservação da autenticidade do ambiente e das comunidades receptoras para as gerações futuras. Encontra no desenvolvimento do turismo sustentável uma opção para a preservação dos recursos naturais (SONAGLIO, 1999).

No contexto da nova revolução tecnológica, surgem e desenvolvem-se princípios de vida que incidem, pragmaticamente, na evolução do mercado turístico mundial.

Segundo a Prefeitura Municipal de Florianópolis – PMF (2001), o município possui como economia principal do setor de serviços, o turismo. Como em diversas regiões turísticas potenciais, a atividade tem despertado o interesse imediato de empreendedores dispostos a investir em propostas para o desenvolvimento do turismo de massa.

A Ilha segue o fluxo evolutivo dos grandes centros urbanos estando, portanto, inserida no novo paradigma, onde se alterna como sujeito e objeto do processo.

Os paradigmas que envolvem todo este sistema elaborado, que pretende atuar nas reais necessidades, antecipam a problemática das propostas de implantação de projetos de porte, pois discute um modelo que apresenta soluções presentes, mas desconsidera problemas futuros ainda maiores (SONAGLIO et al, 2001). Assim, discutir as alternativas viáveis do estabelecimento planejado do ecoturismo, através do turismo sustentável, numa perspectiva transdisciplinar, amplia as possibilidades de construção de uma nova realidade.

## **1.2 Objetivos do trabalho**

### **1.2.1 Objetivo geral**

- Propor o desenvolvimento sustentável do ecoturismo, na Ilha de Santa Catarina, numa abordagem transdisciplinar.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- Identificar o histórico do turismo e suas tendências;
- Apresentar o ecoturismo como alternativa para o desenvolvimento do turismo da Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis;
- Explicitar princípios de desenvolvimento sustentável para o ecoturismo;
- Estabelecer a transdisciplinaridade nos conflitos entre homem, ambiente e ecoturismo.

### 1.3 Justificativa e importância do trabalho

O turismo está caracterizado por uma nova sensibilidade, que procura discutir e rever o controle do turismo de massa e o desenvolvimento de outras formas.

Para a Organização Mundial do Turismo - OMT (2000), enquanto o turismo cresce 7,5% ao ano, o ecoturismo cresce mais de 20%. Estima-se que o ecoturismo represente 5% do turismo mundial, devendo na próxima década alcançar 10%.

Neste cenário, segundo Sonaglio & Lapolli (2000, p. 1):

"sobre a ordem necessária que condiciona a realidade do lazer reservado é relevante um estudo da atividade turística no ambiente, tendo em vista, que é onde a natureza intrínseca de todas as coisas é harmoniosamente assentada, sendo o local onde o estado "sagrado" da existência, no seu primeiro movimento não pode ser, invariavelmente, compurgado".

Os mesmos autores comentam que o município de Florianópolis apresenta um constante crescimento urbano, desde a década de 60, pelas rodovias construídas e a partir de 1970 com o impulso e expansão do turismo. O processo crescente, tanto na porção insular e continental, quanto nas áreas periféricas, ocorreu avesso ao planejamento urbano.

Os investimentos à infra-estrutura turística e de apoio são realizados para a estação de verão, ocupando freqüentemente áreas de preservação e desconsiderando as leis ambientais e a cultura local. A população nativa é expulsa de seu *habitat*, descaracterizando a configuração social, cultural e natural.

A ocupação litorânea da Ilha se constitui numa contradição contemporânea, entre o espaço natural e o artificial, originado a partir da intervenção humana, que tende a ocupar e destruir, paradoxalmente, as áreas frágeis do ecossistema.

A porção sul da Ilha reúne condições básicas de implantação da atividade turística planejada, onde a ocupação urbana ainda se mostra modesta. A população local é constituída por pescadores e imigrantes de outros estados brasileiros, e conserva a cultura de origem açoriana em seus núcleos comunitários.

"O grande desafio do turismo em Florianópolis ultrapassa as questões discutidas ou problemáticas autênticas, como o planejamento sanitário, distribuição de água, caos no sistema viário e inchaço populacional, com todos os seus agravantes negativos. São paradigmas não mais explicados, revolucionados, avançando, da realidade cognitiva do par de contraditórios para o estabelecimento da transdisciplinaridade nos conflitos entre comunidade, ambiente e investidores. A complexidade do processo exige a construção de uma zona de *não resistência* à cognição, exige a dialógica e a criação de um domínio lingüístico" (SONAGLIO & LAPOLLI, 2000, p. 2).

## 1.4 Estrutura do trabalho

O capítulo primeiro apresenta a introdução da proposta para o ecoturismo, numa abordagem transdisciplinar para a Ilha de Santa Catarina, a descrição dos objetivos, justificativa e importância do trabalho.

A caracterização da área em estudo (Ilha de Santa Catarina), é descrita no capítulo segundo.

No capítulo terceiro, a fundamentação teórica é apresentada com a conceituação dos temas presentes no estudo: turismo, ecoturismo, sustentabilidade e transdisciplinaridade.

O capítulo quarto aborda a perspectiva transdisciplinar e aplicabilidade nos seus níveis de realidade para o ecoturismo na área de estudo, observando o alcance dos objetivos descritos no capítulo primeiro.

O quinto capítulo conclui a proposta enfatizando pontos marcantes do trabalho. São sugeridas alternativas para o desenvolvimento do turismo sustentável, através da abordagem apresentada para trabalhos futuros.

E, finalmente as referências bibliográficas são apresentadas.

## 2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

"Amplia o espaço de tua tenda e nela estende teus tapetes, pois hás de te locomover em todas as direções".

Isaías

### 2.1 Características geográficas

Florianópolis, localizada no estado de Santa Catarina, Brasil, é dividida em duas porções de terras: uma insular e outra continental. A porção continental possui 12,1 Km<sup>2</sup> de área e é conhecida como continente.

A área de estudo é a porção insular, Ilha de Santa Catarina, com 54 Km no sentido norte-sul, 18 Km no sentido leste-oeste e 172 Km de orla marítima, totalizando 424,4 Km<sup>2</sup>, segundo dados do IPUF (2002).

Está localizada entre os paralelos 27°10' e 27°50' de latitude sul e entre os meridianos de 48°25' e 48°35' de longitude a oeste de Greenwich, conforme Caruso (1990), tendo direção NE-SW. (figura 2.1)

Paralela ao continente, está separada por um canal estreito que já atingiu 28 metros de profundidade e 500 metros de largura, segundo dados da PMF (2002), formando as baías sul e norte.

Unindo a porção insular e continental construiu-se sobre o estreito três pontes: a Governador Hercílio Luz (fechada ao tráfego e tombada pelo Patrimônio Histórico), a Governador Colombo Salles e a Governador Pedro Ivo.

Castilho (2002) classifica a Ilha como continental pela extensão dos grandes traços geológicos continentais, conforme pode ser visualizado no mapa de localização (figura 2.1):

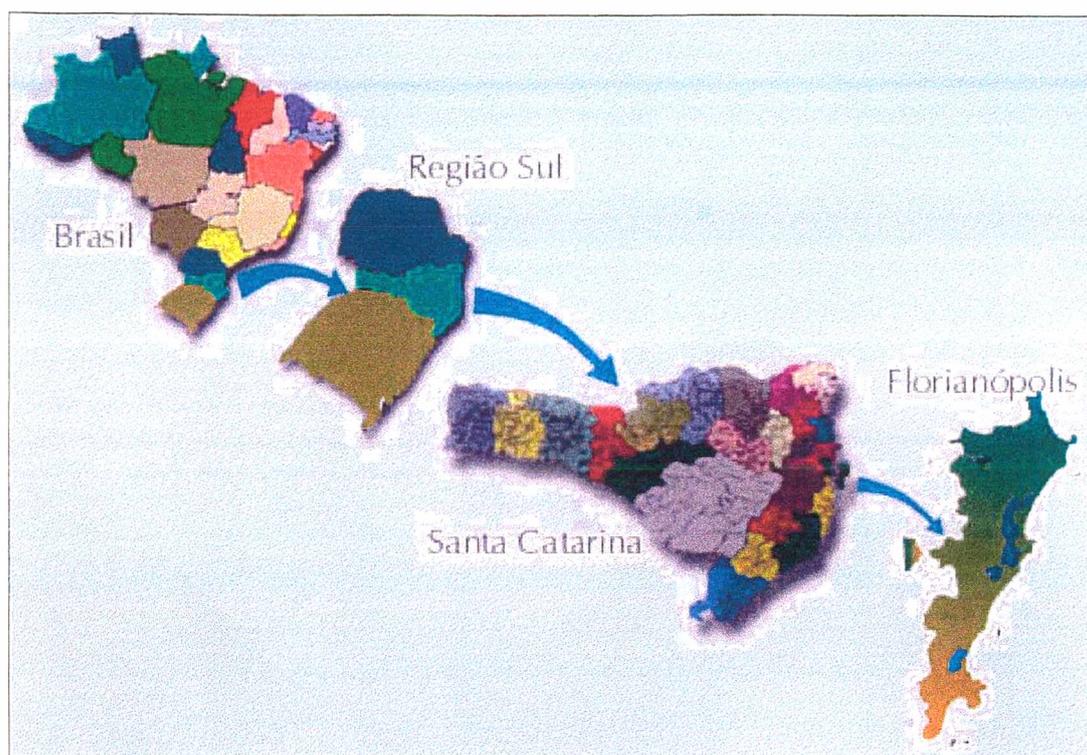


Figura 2.1- Localização da Ilha de Santa Catarina

Fonte: IPUF (2002)

A Ilha de Santa Catarina possui em seu cenário natural grande diversidade de ambientes com praias, promontórios, costões, restingas, rios, lagoas, manguezais, morros e dunas. Estes meios aliados à influência marinha e continental são resultado da interação dos mais diversos aspectos físicos e biológicos, apresentando-se como uma característica ambiental de relevante importância. Nas mesmas condições privilegiadas, conforme Agenda 21 (2000), é cercada por mais de 30 ilhotas, possui sítios arqueológicos pré-históricos que remontam há quatro mil anos.

## 2.2 Características geológicas

Geologicamente a Ilha de Santa Catarina constitui-se por duas formas básicas: os terrenos cristalinos antigos e os terrenos sedimentares de formação recente, de acordo com Caruso (1990).

A formação dos terrenos cristalinos ocorreu “durante o Pré-Cambriano Superior e na Ilha de Santa Catarina apresenta, com baixo a médio grau de metamorfismo e encontram-se parcialmente cortados por riolitos e intrusões de diabásios. A este

processo estão associados uns grandes números de lineamentos estruturais e sistemas de juntas” (FRANZONI, 2000).

Estes terrenos formam as partes mais elevadas da Ilha, com destaque para dois maciços principais de direção N-S: o Morro do Ribeirão, ao sul, com 540 metros de altitude e o Morro da Costa da Lagoa, ao norte, com 490 metros de altitude. Ainda nos terrenos cristalinos, alguns pontos rochosos sobressaem na periferia, principalmente na região sudeste formando costões.

Os terrenos sedimentares de formação recente possuem depósitos com características distintas e encontram-se nas partes mais baixas e planas, onde há formação de dunas, restingas e manguezais.

Para Caruso (1990), os solos nestas zonas sedimentares são classificados como "Areias Quartzosas Distróficas" e eram utilizados, em parte, para o cultivo da mandioca, da cana de açúcar e de outros produtos de consumo local.

### **2.3 Características geomorfológicas e do relevo**

As unidades geomorfológicas que caracterizam a paisagem ilhoa são denominadas serras litorâneas e planícies costeiras.

Em geral, as serras litorâneas apresentam aspecto de crista, devido à sua posição alongada e ao acentuado declive das encostas. Já as planícies costeiras são formadas pela deposição de sedimentos marinhos e fluviomarinhas, representando os terrenos mais recentes na escala geológica (CECCA, 1997).

O relevo apresenta-se descontínuo, formado pelas cristas montanhosas, com altitudes que variam de 400 a 540 metros e por morros isolados com altitudes inferiores, intercalados de pequenas planícies.

Todo o litoral é recortado com inúmeras praias, pontas, promontórios, ilhas e lagoas.

### **2.4 Características hidrográficas**

Segundo PMF (2002), as principais bacias hidrográficas são: de Ratoes, do Saco Grande, da Lagoa da Conceição, do Itacorubi, do Rio Tavares e da Lagoa do Peri. Os principais rios são: Naufragados, das Pacas, do Peri, da Tapera, Cachoeira Grande, Tavares, Itacorubi, do Sertão, Buchele, Araújo, Pau do Barco, do Mel,

Veríssimo, Ratoles, Papaquara, Palha, do Bráz, Sanga dos Bois, Capivari, Capivaras. Vargem Pequena, Valdik, do Porto e Sertão da Fazenda são os ribeirões.

Para a rede hidrográfica, os córregos mais relevantes são: do Passarinho, do Ramos e o Arroio do Macacos.

A Ilha de Santa Catarina possui duas lagoas principais, a Lagoa da Conceição e a Lagoa do Peri, seguida das lagoinhas do Leste, da Chica e Pequena.

A Lagoa da Conceição (figura 2.2) estende-se de norte a sul por 15 Km e tem uma largura variável entre 0,7 e 2,5 Km. Apresenta uma profundidade média de 2,8 metros e a máxima de 8,7 metros. Sua comunicação com o mar ocorre através de um canal natural com 2 Km de extensão e largura aproximada de 40 metros (FRANZONI, 2000).

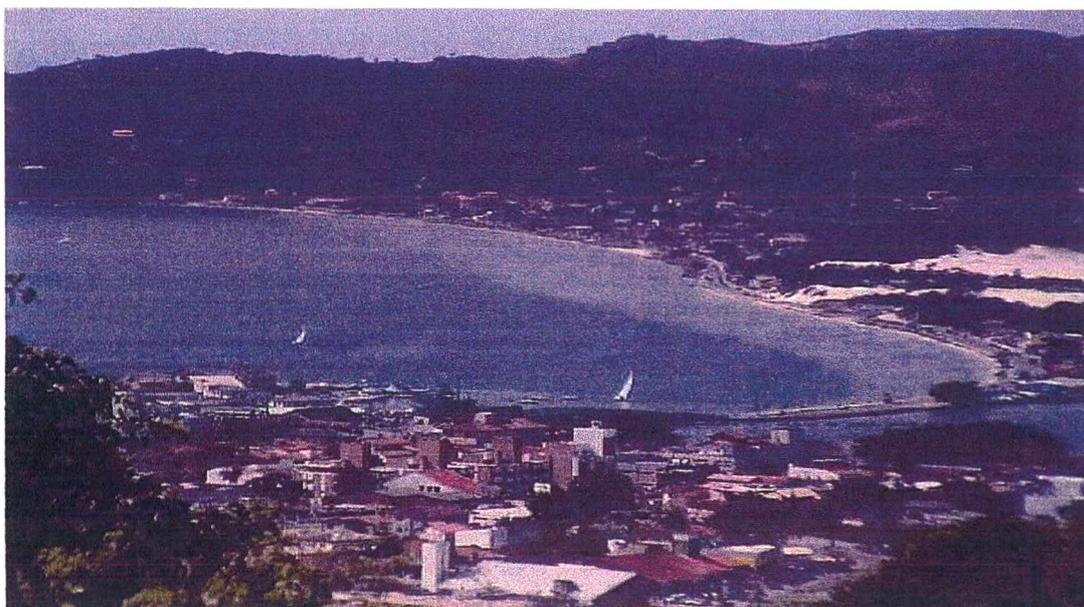


Figura 2.2: Lagoa da Conceição

Fonte: <http://www.haxitrips.com.br/viagens/florianopolis.htm> (2002)

A Lagoa do Peri (figura 2.3), conforme a autora, situa-se no sul da Ilha e possui cerca de 5,2 Km<sup>2</sup> de área, tendo sua profundidade máxima de 11 metros. Apresenta água totalmente doce, fornecendo o maior *habitat* da Ilha, para espécies de água doce. Destaca-se ainda, por ser o maior manancial de água potável da Ilha.



Figura 2.3: Lagoa do Peri

Fonte: <http://www.ambientesul.hpg.ig.com.br> (2002)

## 2.5 Características climáticas

As condições climáticas da Ilha apresentam características de estado de tempo essencialmente tropicais no verão e temperadas no inverno, sendo o outono e a primavera bastante semelhantes.

Segundo os critérios de Köeppen, a classificação climática da área de estudo é do tipo Cfa (temperado chuvoso e quente), situada em zona intermediária subtropical, pertencente ao grupo mesotérmico úmido, com chuvas distribuídas durante o ano (PMF, 2002).

Conforme IPUF (2002), a temperatura média é de 20°C, a mínima e a máxima estão entre 16°C e 24°C. A Umidade Relativa Média é de 80% (considerado úmido, segundo o quadro da proposta climática de Thornthwaite e Mather). A insolação apresenta o valor anual médio de 2025,6 horas, representando 46% do total possível, o que permite afirmar que mais da metade do ano o sol permanece encoberto.

O Índice Pluviométrico Anual é de 1.200 mm, segundo o mesmo órgão, bem distribuídos durante todo o ano. As elevadas precipitações ocorrem de janeiro a março, com média de 160 mm mensais, sendo que de abril a dezembro há pouca

variação, com uma média aproximada de 100 mm mensais. As baixas precipitações ocorrem de junho a agosto.

A Pressão Atmosférica é de 1013,3 mb com valores mínimos ocorrendo em janeiro e os máximos em julho (PMF, 2002).

## **2.6 Aspectos bióticos**

As principais formações vegetais que ocorrem na Ilha de Santa Catarina, segundo CECCA (1997), são enquadradas em duas regiões botânicas: a Vegetação Litorânea e a Floresta Pluvial da Encosta Atlântica (também chamada de Floresta Ombrófila Densa).

As vegetações dos manguezais, das praias, das restingas, das dunas e a floresta das planícies quaternárias incluem-se na Vegetação Litorânea. Ocorrem basicamente nas planícies da Ilha e são mais influenciadas pelas condições do solo e menos pelo clima.

Na Ilha localizam-se cinco manguezais: Manguezal do Rio Ratonas, Manguezal do Saco Grande, Manguezal do Itacorubi, Manguezal do Rio Tavares e Manguezal da Tapera. São importantes ecossistemas que apresentam grande produtividade biológica e teor de matéria orgânica.

Após a zona das marés, nas praias, a vegetação é constituída por elementos pioneiros: as plantas psamófitas-halófitas, seguidas das psamófitas quando avança para o interior (FRANZONI, 2000).

A restinga exerce um papel importante na fixação dos solos mais recentes na Ilha. Seu processo de formação originou lagoas e lagunas com condições físicas bastante diversas em um mesmo meio.

Na área de estudo, as principais restingas são as de Naufragados, Pântano do Sul, Lagoinha do Leste, Armação, Morro das Pedras, Rio Tavares e Campeche, Joaquina, Praia Mole, Rio Vermelho, Santinho e Ingleses, Ponta das Canas, Canasvieiras, Jurerê e Daniela (CECCA, 1997).

A vegetação de restinga, segundo o autor, representava originalmente cerca de 7% da cobertura vegetal da Ilha e teve 22,4% desta área desmatada até o ano de 1978. Devido à especulação imobiliária, pela valorização dos terrenos gerada pelo turismo e ocupação urbana legal e ilegal, o desmatamento aumenta gradativamente nestas áreas.

As dunas são mais comuns nas restingas da costa leste da Ilha, que são móveis e de vegetação escassa. Os maiores ambientes dunares, segundo PMF (2002), foram tombados como Patrimônio Natural e Paisagístico: Dunas dos Ingleses e Santinho, Dunas da Lagoa da Conceição, Dunas do Campeche, Dunas da Armação e Dunas do Pântano do Sul.

Em algumas praias do sul, leste e norte da Ilha, encontram-se dunas móveis e semi-fixas como no Pântano do Sul, Lagoinha do Leste, Rio Vermelho, Ingleses e Jurerê. As dunas fixas são mais comuns no norte da ilha.

As florestas das planícies quaternárias estão representadas por alguns capões isolados no norte da Ilha, entre as praias de Jurerê e Daniela, uma vez que foram praticamente destruídas pela intervenção agrícola e áreas de pasto.

A região botânica da Mata Atlântica (Floresta Pluvial da Encosta Atlântica) de vegetação mais influenciada pelo clima do que pelo solo, representava 74% da cobertura vegetal da Ilha, como esclarece Caruso (1990) e era distribuída pelas encostas dos morros. Ocorre atualmente, com as características originais, apenas em alguns locais, sendo que a maior parte existente está em diferentes estágios de regeneração.

A Ilha possui ainda outros ecossistemas como as lagoas, os banhados (principalmente nas localidades do Pântano do Sul e Jurerê), o estuário marinho (formado pelas baías norte e sul) e os costões rochosos do mar.

Na fauna destacam-se muitas espécies pela diversidade de ambientes.

Em ambientes aquáticos destacam-se os crustáceos, moluscos e peixes, sendo alguns de importância econômica por apresentar possibilidades comerciais. Entre os mamíferos ocorrem espécies de golfinhos, lontras e baleias.

Os répteis e as aves não possuem levantamento de suas espécies publicado, mas ocorrem em diversas localidades da Ilha como o jacaré-de-papo-amarelo, saracuras e garças.

Nos ambientes terrestres ocorrem espécies de lagartos e cobras, incluindo a jararaca, a jararacuçu e a coral que são venenosas. Entre os mamíferos silvestres destacam-se o gambá, tamanduá-mirim, tatú-mulina, macaco-prego, graxaim, mão-pelada, lontra, paca e cutia conforme salienta CECCA (1997).

## 2.7 Ocupação humana

### 2.7.1 Dados históricos

O homem na Ilha de Santa Catarina aponta para menos de 5.000 anos atrás. Os índios encontram-se associados à cultura dos sambaquis, sendo o do Pântano do Sul o mais antigo encontrado na ilha, possuindo datação aproximada de 4.500 anos e indica que o grupo vivia de coleta de moluscos, caça e pesca. Por volta do século XVI, os índios Carijós ocuparam a área passando a cultivar a mandioca para fazer farinha (CECCA, 1997).

O Centro de Estudos Cultura e Cidadania – CECCA - salienta que até meados do século XVIII, a ocupação da Ilha restringia-se, com raras exceções, ao povoado fundado pelo bandeirante paulista Francisco Dias Velho, em 1673, ao enviar seu filho para dar início às lavouras e construções.

Entre os anos de 1748 e 1756, cerca de seis mil imigrantes das ilhas de Açores e Madeira desembarcaram em Santa Catarina e a partir de 1750 foram fundadas na Ilha de Santa Catarina as freguesias de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa e a Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antônio (CRUZ, 1998).

A autora salienta que na mesma época, o desmatamento generalizado da Mata Atlântica teve seu início em seus pontos mais sensíveis, objetivando a instalação dos engenhos de farinha e cana, olarias, caieiras, curtumes e plantio. Além do governo que derrubava para abastecer navios e exportar madeira.

Com a elevação à categoria de cidade e também com a visita de D. Pedro II, a prosperidade é notória entre 1830 e 1880 na Ilha, ocorrendo algumas medidas de saneamento básico, urbanização e calçamento das principais ruas (IPUF, 2002).

Posteriormente, houve momentos de diversas transformações, inclusive sociais na Ilha. Os investimentos públicos e privados impulsionaram principalmente a construção civil. Com a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ocorreu uma expressiva atração de estudantes para a Ilha, proporcionando um movimento direto e indireto às funções urbanas.

Depois de meados do século XX, a intensificação deste fluxo migratório se dá também pela pavimentação e infra-estrutura de transporte rodoviário, como a BR 101 (ligando o litoral) e a BR 282 (ligando o interior).

Estes acontecimentos coincidem com o desenvolvimento do turismo, principalmente a partir de 1970, como destaca o IPUF (2002), quando a expansão urbana dirigiu-se do centro histórico para os balneários. Evoluiu rapidamente após 1980 e consolidou a Ilha como pólo turístico do Mercosul.

## **2.8 Aspectos socioeconômicos e culturais**

A Ilha de Santa Catarina, no município de Florianópolis, destaca-se como centro regional na prestação de serviços e no comércio. É ainda, o centro político-administrativo, por integrar as sedes do governo estadual e representações de órgãos e entidades federais.

De acordo com CECCA (1997), pode-se distinguir na Ilha vários ciclos econômicos como: o da baleia, o portuário, o cafeeiro, o militar, o administrativo, o comercial, o turístico e o da construção civil. As monoculturas dominantes têm marginalizado e desarticulado os ilhéus de seus hábitos tradicionais, além de causar grande impacto no crescimento da cidade com suas alterações acumulativas.

Com a construção da Ponte Hercílio Luz, em 1926, houve incremento no transporte rodoviário levando à crise a atividade portuária e estagnando a agricultura. Os diversos gêneros vindos de regiões vizinhas, que eram tecnicamente mais produtivas que os da Ilha, ocasionaram este prejuízo à agricultura local.

O perfil da cidade administrativa, universitária e burocrática, a partir de 1950, com o comércio e serviços propiciou um aumento expressivo da população caracterizado por estudantes, professores e funcionários públicos.

O espaço físico passou a ser especulado com preços altos e disputados pelos habitantes e turistas.

A PMF (2002) aponta que no setor primário destaca-se a cana-de-açúcar, a mandioca e o milho com pequena relevância. As atividades pesqueiras (figura 2.4) são fonte de geração de riqueza e a criação de ostras constituiu-se num incremento à renda do setor. O setor secundário apresenta desenvolvimento na indústria do vestuário, alimentos, móveis, bebidas e principalmente na microinformática.



Figura 2.4: Atividade Pesqueira no Pântano do Sul

Fonte: <http://www.ambientesul.hpg.ig.com.br> (2002)

A Prefeitura acrescenta que o setor terciário é o mais expressivo do estado, com um centro comercial e de serviços desenvolvido e diversificado, sendo o segmento do turismo, embora sazonal, o responsável direto pelo aumento da renda per capita, por sua grande movimentação na economia local.

Nos aspectos socioculturais, a Ilha destaca-se pela existência de sambaquis, sítios arqueológicos, oficinas líticas e inscrições rupestres deixados pelas etnias que aqui habitaram antes dos açorianos.

A expressão arquitetônica, a organização espacial e as manifestações religiosas e populares afirmam as características açorianas marcantes na cultura da Ilha. A pesca artesanal, a renda de bilro, engenhos de farinha de mandioca, alambiques de cachaça, artesanato, o Pão por Deus, a dança do Pau de Fita, a manifestação do Boi de Mamão e a festa religiosa do Divino Espírito Santo e Terno de Reis, são algumas práticas e representações citadas pelo CECCA (1997). Este repertório é observado nas antigas freguesias e representam o modo de viver do ilhéu.

## 2.9 Infra-estrutura e equipamento urbanos

Conforme dados de março ano de 2001, 98,16% da população da Grande Florianópolis é atendida pelo abastecimento de água da CASAN – Companhia Catarinense de Águas e Saneamento -, sendo que na área central da Ilha chega a 100% (com exceção da população que habita os pontos mais altos dos morros) e ainda há áreas urbanas não atendidas pela companhia (CASAN, 2002).

Nas poucas localidades onde o abastecimento é de forma particular e artesanal, a exploração de águas é realizada por ponteiras às margens dos rios, como a exemplo da efetuada no Rio Quincas, localizado no sul da ilha.

Segundo a CASAN (2002) a captação de água em Florianópolis é realizado através dos seguintes mananciais:

- Pequenos mananciais de superfície – sete barragens de reforço (poço do Monte Verde, poço do Córrego Grande, Rio Tavares, Lagoa da Conceição, Quilombo, Ribeirão da Ilha e Cacupé) são responsáveis por 10 % da captação total.
- Grandes mananciais de superfície – Rio Vargem do Braço e Rio Cubatão, ambos na Palhoça, e a estação de captação do Peri.
- Captação Subterrânea – A Casan (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento) utiliza o aquífero da Joaquina, estimado em 274 bilhões de litros de água potável, que é aproximadamente seis vezes maior do que o espelho d'água da Lagoa do Peri. A captação é de 400 litros por segundo em 11 poços no sistema sul e 15 no sistema costa norte. São atendidos com este aproveitamento 50 mil pessoas nos bairros Campeche, Rio Tavares, Lagoa da Conceição, Canasvieiras e Ponta das Canas.

A CASAN (2002) atende por rede coletora de esgoto 49,99% da população e o sistema de Esgotos Sanitários (parte Insular) de Florianópolis é, na verdade, constituído de diversas unidades que incluem Ligações Domiciliares, uma extensa Rede Coletora, Interceptores de Grande Capacidade, Emissários, Estações Elevatórias e uma Estação de Tratamento de Esgotos (ETE). Este sistema abrange todas as áreas centrais da cidade, os bairros Agrônômica, Trindade, Saco dos Limões, Prainha e José Mendes.

As demais localidades, atualmente, ainda não são atendidas pela CASAN, no entanto, algumas possuem seu próprio sistema de tratamento de esgoto, como por exemplo: Jurerê Internacional e Praia Brava.

A COMCAP – Companhia Melhoramentos da Capital desenvolve as atividades de coleta de lixo, remoção de lixo e entulho, capina mecanizada, manual e química, roçagem, limpeza de canais e valas a céu aberto, varrição, limpeza de praias, praças e parques, limpeza em eventos e programas de mutirões promovidos pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, além de administração de estacionamento.

Segundo CECCA (1997), cerca de 90% da população é atendida pelo serviço de coleta de lixo.

A COMCAP tem 1.100 empregados e mantém contratos de prestação de serviços com a Prefeitura Municipal de Florianópolis na área de limpeza pública com validade até 2003. A média do lixo coletado em Florianópolis na baixa temporada de 2000 foi de aproximadamente 8770 toneladas/mês e na alta temporada foi de 12.000 toneladas/mês (COMCAP, 2002).

Os acessos principais para a Ilha são pela BR 101 (ligando o litoral) e BR 282 (ligando o interior). A BR 101, aberta ao tráfego no início de 1970, representa o eixo principal, pois serve como corredor de escoamento ao fluxo de transporte vindo desde o Rio Grande do Sul até a região do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. A BR 282 é um importante acesso a locais de interesse turístico no interior do Estado, como as termas de Caldas da Imperatriz, Águas Mornas e Lages (turismo rural).

As rodovias estaduais pavimentadas são: SC-400, SC-401, SC-402, SC-403, SC-404, SC-405 e SC-406. Estas rodovias representam importante suporte para o desenvolvimento do turismo na Ilha.

Os equipamentos urbanos comunitários relacionados à educação, saúde, lazer e áreas verdes públicas contemplam a maioria das comunidades, com raras exceções, como no sul da ilha, que ainda se mostra insuficiente, bem como no uso comercial como bancos, correios e laboratórios. A situação precária destas áreas agrava-se na temporada de verão, pelo aumento considerável da população que acabam por depender de outros bairros, ou do centro da cidade.

## **2.10 Aspectos turísticos**

Nos últimos anos, a procura por locais de interesse ecológico aumentou e o ecoturismo passou a apresentar um crescimento aproximado de 20% ao ano, conforme salienta a EMBRATUR (2002), sendo que até 2005, representará 7% do turismo no Brasil.

A Ilha de Santa Catarina é expressivamente turística e reúne condições para a prática de atividades ecológicas. Desenvolveu-se de forma sazonal e segundo dados da SANTUR (2002), o movimento estimado de turistas em Florianópolis no ano de 2001, entre nacionais e estrangeiros foi de 552.888 pessoas atraídos principalmente pelos atrativos naturais, conforme tabela 2.1 a seguir:

Tabela 2.1: Principais Atrativos Turísticos

<b>PRINCIPAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS</b>			
<b>ATRATIVOS</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>
Atrativos Naturais	78,56%	81,91%	85,12%
Atrativos Hist. Culturais	3,61%	3,62%	3,25%
Manifestações Populares	0,49%	0,23%	0,13%
Eventos	1,32%	1,13%	0,38%
Visita a Amigos/Parentes	15,81%	12,38%	10,43%
Tratamento de Saúde	0,21%	0,73%	0,69%
Outros	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: SANTUR/GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO (2002)

A Ilha de Santa Catarina possui cerca de quarenta e duas praias e trinta e seis ilhas que a circundam, além dos manguezais, lagoas e morros (IPUF, 2002).

### 2.10.1 Atrativos naturais

Dos atrativos naturais da Ilha de Santa Catarina destacam-se alguns ambientes freqüentemente visitados por turistas, entre os quais:

- Parque Municipal Lagoa do Peri, com distância do centro de Florianópolis de 23 km e acesso pela rodovia SC-405 conforme a PMF (2002). É a maior reserva de água doce da Ilha de Santa Catarina. Tem aproximadamente 5 km<sup>2</sup> e possui em sua volta trilhas onde, além de um dos últimos remanescentes de Mata Atlântica, pode-se encontrar espécimes de animais em extinção como lontras e jacarés-do-papo-amarelo. O Parque possui cerca de 20 km<sup>2</sup> de área verde, lazer e cultura. Nele pode-

se conhecer as atividades mais tradicionais dos antigos colonizadores de origem açoriana (engenhos de farinha de mandioca e cana-de-açúcar) e descobrir as lendas das bruxas da Ilha que utilizavam o local como recanto em noites de lua cheia. Possui infra-estrutura de sanitários, bar/lanchonete, churrasqueiras e posto de informações.

- Parque Florestal do Rio Vermelho, com distância do centro de Florianópolis de 29 km no norte da ilha. Desempenha funções de turismo e lazer, muito utilizado para *camping* e localiza-se próximo das praias de Moçambique e Barra da Lagoa.

- Trilhas ecológicas: da Lagoa do Peri, organizadas pela FLORAM; da Ilha de Ratonas Grande, localizada na Baía Norte possui trilha de Mata Atlântica secundária com pouco mais de 1 km de extensão; da Costa da Lagoa, saindo de vários pontos da Ilha (da Lagoa da Conceição passando pela Ponta dos Araçás, do Bairro de Monte Verde ou de Ratonas); da Lagoinha de Leste, com 3 km iniciando no Pântano do Sul e destacando-se pela praia de areias grossas, águas claras e fortes; de Naufragados, trilha com 3 km e praia nas mesmas condições da Lagoinha; do Jacatirão, próximo ao trevo de Cacupé, construída e monitorada por estudantes e professores da Universidade Federal de Santa Catarina, com a intenção de proporcionar aos estudantes e visitantes a compreensão dos sucessivos estágios de uma floresta, bem como sua preservação.

- Dunas: acesso através das praias dos Ingleses, Pântano do Sul, Lagoinha do Leste, Joaquina, Lagoa da Conceição e Campeche. As principais dunas móveis da Ilha de Santa Catarina estão localizadas nas praias da Joaquina, Lagoa da Conceição e Campeche. Com uma vegetação escassa, essas dunas são excelentes para prática de surfe na areia.

- Ilhas: de Anhatomirim, acesso pelo mar, através de empresas de passeios marítimos ou embarcações de pescadores, é área de Proteção Ambiental, sendo que a Fortaleza de Santa Cruz, localizada na ilha foi tombada como Patrimônio Histórico Nacional e tem sua manutenção administrada pela UFSC; do Campeche, com mesmo tipo de acesso que a anterior, é recortada por diversas trilhas que conduzem os visitantes ao maior sítio arqueológico da região habitada por pequenos animais silvestres, possui praia com cerca de 600 m de comprimento, águas calmas e cristalinas que, devido à sua localização, proporcionam condições de banho, pesca ou mergulho; de Ratonas Grande;

- Manguezais estão situados exatamente às margens das baías, nas desembocaduras dos principais rios, onde existem características físicas para a sua ocorrência: Ratoles, Saco Grande e Itacorubi, na Baía Norte, e Rio Tavares e Tapera, na Baía Sul. Do ponto de vista ecológico, os manguezais têm uma grande relação com o ecossistema marinho e toda sua fauna aquática, desenvolvendo funções vitais de aporte de nutrientes para a vida no mar e de área de alimentação, reprodução e abrigo de muitas espécies.

- As praias mais visitadas da Ilha e sua distância da área central estão apresentadas na tabela 2.2.

Tabela 2.2: Principais Praias

<b>PRINCIPAIS PRAIAS</b>		
Praia / Distrito	Comprimento da praia (km)	Distância do centro (km)
<b>Ilha Sul</b>		
Armação	3	25
Caieira da Barra do Sul	1,3	39
Campeche	5,8	20
Lagoa do Peri	5 km <sup>2</sup> de espelho d'água	24
Lagoinha do Leste	1,1	28 (+ 3 km por trilha ou barco)
Matadeiro	0,95	25 (+ 1 km por trilha)
Morro das Pedras	3,2	22
Naufregados	0,95	40 (+ 3 km por trilha ou barco)
Pântano do Sul	2,3	28
Ribeirão da Ilha	0,8	36
Solidão	0,85	30
Tapera	0,65	27
<b>Ilha Norte</b>		
Brava	1,5	38
Cachoeira do Bom Jesus	2,9	30
Cacupé	0,9	11
Canasvieiras	2,3	27
Daniela	1,5	26
Forte	1,3	27
Ingleses	5,2	36
Jurerê	2,1	23
Jurerê Internacional	2	25
Lagoinha	0,8	37
Ponta das Canas	1,9	34
Sambaqui	1,1	17
Santinho	2	40
Santo Antônio de Lisboa	0,7	13
<b>Ilha Leste</b>		
Barra da Lagoa	2,5	20
Galheta	1	15 (+1 km por trilha)
Joaquina	2,8	15
Lagoa da Conceição	20,65 km <sup>2</sup> de espelho d'água	12
Mole	1,2	15
Moçambique	9,5	29

Fonte: PMF (2002)

### 2.10.2 Atrativos histórico-culturais

Os atrativos histórico-culturais são encontrados em diversos pontos da Ilha, porém alguns locais e freguesias são destacadas por sua singularidade e beleza.

Os sítios arqueológicos encontram-se em toda sua extensão apontando indícios de ocupação pré-histórica, como as inscrições rupestres na Ilha do Campeche e no costão da praia do Santinho, que são desenhos deixados pelos habitantes pré-históricos. Há ainda as oficinas líticas e os sambaquis que apresentam informações sobre o modo de vida dos antigos habitantes da Ilha.

A culinária ilhoa possui dois elementos que a resume: o peixe e a farinha de mandioca, sendo o prato mais comum o peixe com o pirão d'água. Moluscos e crustáceos (salada de mexilhões, siri recheado, camarão frito e outros) propiciam o enriquecimento dessa culinária baseada em frutos do mar.

Na Ilha, a medicina popular possui forte inclinação homeopática e é, por outro lado, marcada pela magia. Baseada em inúmeras ervas (arruda, hortelã, losna, boldo, quebra-pedra, erva-doce, funcho, malva, cidreira, salsaparrilha, capim-limão, pata-de-mula, mastrunço, guiné, camomila, além das folhas do algodoeiro, sabugueiro, aroeira, pau-de-ferro, louro e outros), tem remédios para muitos males. A cachaça, vinagre, mel e urinas também são usados em chás, unguentos, emplastros e lavagens. As ervas normalmente se conjugam as benzeduras e superstições (CASCAES, 1989).

O autor ainda salienta que a literatura popular, de tradição açoriana, expressa-se de forma escrita pelas "Quadrilhas" e o "Pão-por-Deus" (papel recortado na forma de coração com versos românticos, equivalendo a declarações de amor), de forma oral por provérbios ("a formiga quando quer se perder cria asas", "a língua serve de chicote para o rabo", "do burro se espera o coice"), expressões típicas ("estar no mato sem cachorro", "safar a onça", "tirar a barriga da miséria"), adivinhas, orações, lendas e cantigas.

Há diversas danças e manifestações populares, expressas principalmente nas freguesias de Santo Antônio de Lisboa, Ribeirão da Ilha e Lagoa da Conceição, como: o Boi-de-Mamão, onde seu tema épico é a morte e ressurreição do boi. A ele juntam-se música que alia improviso e cantoria, um número variado de personagens dançarinos; o Pau-de-Fitas apresentada por grupos, pares de damas e cavalheiros que alternam movimentos de trançamento e destrançamento das fitas.

O aspecto religioso é marcado por manifestações festivas, muito próximas da mitologia. Trazida pelos colonizadores açorianos, é grandiosamente complexa e as mais significativas são preservadas pelos descendentes, principalmente no interior da Ilha de Santa Catarina: o culto ao Divino Espírito Santo, chamado também de Bandeira do Divino, o Terno de Reis, o culto ao Senhor dos Passos e os Ritos Pascoais que envolvem a Farra do Boi e a Malhação do Judas (CECCA, 1997).

O Centro de Estudos Cultura e Cidadania cita ainda, que a Farra do Boi, originada nos primórdios do Estado português, em fins do século XII ou princípio do XIII quando a ausência de caprinos e ovinos levou, nos rituais da Páscoa, à inclusão do sacrifício de bovinos em substituição ao bode expiatório. A componente ruidosa teria sido incorporada ao rito certamente por influência das touradas, já popularizadas nos reinos ibéricos. Na Farra do Boi o animal é posto em liberdade e perseguido nas ruas e no mato até a exaustão, quando então é morto e tem sua carne distribuída entre os participantes. É realizado nas comunidades tradicionais, em especial na Lagoa da Conceição, Rio Vermelho, Ribeirão da Ilha, Sambaqui, Itacorubi, Pântano do Sul, Armação Campeche, Rationes, Vargem Grande, Ingleses e Córrego Grande.

Entre suas principais manifestações está a renda de bilro, com riqueza em variedade e formas. Pequenos núcleos de rendeiras encontram-se distribuídos no interior da Ilha. Além das rendas, inúmeras outras peças são confeccionadas artesanalmente por artistas da região.

Segundo Cascaes (1968), as benzeduras, na tradição, curam mais do que todos os remédios. Seu objetivo é curar doenças e afastar os males. As orações possuem um objetivo mais positivo, para ser feliz, para dormir bem, para casar, para abrandar o gênio, para andar sem risco à noite, para os cabelos crescerem, entre outras. O ilhéu tradicional possui um universo de crenças que o faz permanentemente ameaçado. Ex.: o mau-olhado, que acarreta toda a sorte de malefícios (dificuldades financeiras, problemas de saúde, contrariedades afetivas e outros), é o "quebranto", que só é curado à força de muita erva e benzedura. As crendices e superstições prescrevem normas de conduta e regras de comportamento na vila comunitária.

O autor ressalta que na mitologia, o imaginário ilhéu é povoado por criaturas fantásticas, entre as quais destacam-se as "bruxas" (mulheres magras, feias e antipáticas) e os "lobisomes" (homens que se transformam num cachorro em noites de lua cheia e vagueiam até a manhã por sete vilas).

As comunidades que se desenvolviam ao redor de igrejas ou capelas eram denominadas freguesias. Várias freguesias foram criadas no século XVIII na Ilha de Santa Catarina e adjacências. Dentre elas destacam-se a Freguesia de Santo Antônio de Lisboa, a Freguesia do Ribeirão da Ilha, a Freguesia da Barra da Lagoa, a Freguesia da Lagoa da Conceição e a Freguesia de São João do Rio Vermelho.

A Ilha possui museus que representam sua história e cultura, sendo: o Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral - arqueologia, etnologia indígena e cultura popular; o Museu Histórico de Santa Catarina - antigo Palácio do Governo; o Museu Victor Meireles - sua denominação homenageia o maior pintor acadêmico do século XIX, cujas obras compõem o acervo; o Museu do Homem do Sambaqui Padre João Alfredo Rohr - funciona no sótão do Colégio Catarinense, com acervo entre 8 a 9 mil peças; o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), há exposições paralelas de arte moderna e contemporânea e um acervo com mais de 1300 obras; o Museu de Armas Lara Ribas - acervo histórico de armas de pequeno porte, canhões dos séculos passados, maquetes e fotos das fortalezas do século XVIII constituem o museu; o Ecomuseu do Ribeirão da Ilha que apresenta peças retratando a cultura açoriana (PMF, 2002).

A Ilha possui três teatros: Teatro Álvaro de Carvalho (o TAC), Teatro da Universidade e Teatro Ademir Rosa.

As igrejas antigas constituem um acervo histórico bastante rico como a Catedral, no centro da cidade, e outras igrejas e capelas nas várias freguesias e distritos. Suas construções são verdadeiras obras de arte, caracterizando vários estilos arquitetônicos. Dentre elas cita-se a Igreja Nossa Senhora das Necessidades - Santo Antônio de Lisboa; Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis - Centro; Igreja de São Francisco de Paula - Distrito de Canasvieiras; Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos - Centro; Igreja Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão - Distrito do Ribeirão da Ilha; Igreja Nossa Senhora da Conceição - Distrito da Lagoa da Conceição; e Capela do Menino Deus e Senhor dos Passos - Centro.

A Alfândega e o Mercado Público também possuem características de arquitetura açoriana, funcionando no mercado restaurantes e lojas comerciais.

Ainda no acervo arquitetônico, as Fortalezas são referências histórica e cultural desde a chegada dos primeiros colonizadores.

Portugal e Espanha eram duas grandes potências marítimas europeias do século XVIII que disputavam as terras do sul da América do Sul. A Ilha de Santa Catarina transformara-se num ponto geograficamente estratégico para o sucesso dos planos militares de conquista. Dessa forma o povoamento foi estimulado para servir de base e apoio logístico à atividade militar por determinação da Coroa Portuguesa. Chega à Ilha em 1738, o Brigadeiro Militar José da Silva Paes que dá início à construção das Fortalezas que garantiriam a defesa da região em caso de combate. Dos fortes e fortins aqui edificados merecem destaque: Fortaleza de Santa Cruz (1739), Fortaleza de Santo Antônio (1740), Fortaleza Nossa Senhora da Conceição (1742), Fortaleza de São José da Ponta Grossa (1740) e Forte Sant'Anna (1763) ( Pinho et al, 1995).

A Praça XV de Novembro é a principal praça e nela existem árvores dos cinco continentes. No centro ergue-se uma figueira centenária que, pela sua imponência, constitui-se em um dos pontos turísticos mais visitados da Ilha.

A Ponte Hercílio Luz foi inaugurada em 1926, quando comportava ainda 43% do tráfego de veículos que transitavam ilha-continente. Foi totalmente desativada em 1991, depois da descoberta de uma fissura em um dos seus olhais de sustentação. Há um projeto de recuperação da ponte, porém os custos até o momento, tornam-se inviáveis para o poder público (PEREIMA, 2000).

## 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“...Poucos homens, aqui na terra, sabem  
Do segredo do ensinamento sem palavras  
E do poder do agir pelo não-agir”.

Lao-Tsé (Tao Te Ching)

### 3.1 Desenvolvimento sustentável: conceitos

Para Calcagno (1990) desenvolvimento são processos de crescimento e de troca relacionados sistematicamente entre si e que expressam uma aspiração por uma sociedade melhor.

No dicionário Houaiss (2001, p.989), a definição de sustentável é “que pode ser sustentado; passível de sustentação”.

Geralmente diz-se por “sustentável”, segundo Swarbrooke (2000, p.3), o “desenvolvimento que satisfaz nossas necessidades hoje, sem comprometer a capacidade das pessoas satisfazerem as suas no futuro”.

O termo possui uma perspectiva de longo prazo no que tange as ações envolvendo pessoas, ambiente e sistemas econômicos e apresenta a necessidade clara de intervenção, planejamento e gestão. É um novo paradigma que pressupõe, portanto, um conjunto de sustentabilidades e que segundo Filho (1999), podem ser sintetizadas no seguinte trinômio: eficiência econômica, eficiência social e eficiência ambiental. O cumprimento simultâneo desses requisitos significa atingir o desenvolvimento sustentável.

Swarbrooke (2000) cita que a questão do desenvolvimento sustentável passa a se tornar importante, a partir de 1960 no chamado “Terceiro Mundo”. A Ásia e África passaram a preencher sua lacuna de riquezas entre seus países e nas nações desenvolvidas e alguns países partiam para a exploração dos recursos naturais em curto prazo.

Como a população global estava crescendo rapidamente e inúmeros relatórios alertavam para a ameaça de destruição dos recursos da Terra, realizou-se, ainda segundo o autor, em 1987 o Relatório Brundtland que apresentou o conceito de estágio central de desenvolvimento sustentável baseado na idéia de que “não herdamos a Terra de nossos antepassados, mas a tomamos emprestada de nossos filhos”.

Para Filho (1999) o Relatório de Brundtland apresenta claramente a idéia de que o desenvolvimento sustentável é desenvolvimento, porque não se reduz a um simples crescimento quantitativo; pelo contrário, faz intervir a qualidade das relações humanas com o ambiente natural, e a necessidade de conciliar a evolução dos valores sócio-culturais com a rejeição de todo processo que leva à deculturação. É sustentável, porque deve responder à equidade intrageracional e à intergeracional.

O interesse pelo desenvolvimento sustentável é impulsionado pela Conferência de cúpula da ECO-92 e Agenda 21.

A Organização das Nações Unidas - ONU define Desenvolvimento Sustentável como aquele que "deve garantir as necessidades das atuais gerações sem comprometer as gerações futuras" (EMBRATUR, 2001, p.5).

De acordo com o PNMT - Programa Nacional de Municipalização do Turismo (1994, p. 27), Desenvolvimento Sustentável significa:

- Desenvolver, sem deteriorar o patrimônio cultural, os recursos naturais e o meio ambiente;
- Administrar a utilização e a renovação simultâneas de recursos;
- Procurar recursos que se renovem e se regenerem mais rapidamente;
- Ter presente que é preciso satisfazer a necessidade do momento, sem comprometer a capacidade de atender às gerações futuras.

Sachs (1994, p. 35) acrescenta que para se planejar o desenvolvimento sustentável, deve-se respeitar os seguintes princípios:

- Social – construir uma civilização com maior equidade na distribuição de bens e de rendas, assegurando que o desenvolvimento aumente o controle das pessoas sobre suas próprias vidas.
- Econômico – alocar e gerenciar com mais eficiência os recursos e um fluxo constante de investimentos privados e públicos. Assegurar que o desenvolvimento seja economicamente eficiente e que os recursos sejam geridos de maneira que possam manter gerações futuras.

- Ecológico - assegurar que o desenvolvimento seja compatível com a manutenção do processo ecológico essencial, com a diversidade biológica e com os recursos biológicos.
- Cultural - assegurar que o desenvolvimento seja compatível com a cultura e com os valores da comunidade, que mantenha e reforce a identidade comunitária.
- Espacial - obter uma configuração rural-urbana mais equilibrada e uma melhor distribuição territorial dos assentamentos humanos e das atividades econômicas.

Filho (1999, p. 15) aponta que na Conferência Mundial sobre a Conservação e o Desenvolvimento, da IUCN (Ottawa, Canadá, 1986) o conceito de desenvolvimento sustentável e equitativo foi colocado como um novo paradigma, tendo como princípios:

- Integrar conservação da natureza e desenvolvimento;
- Satisfazer as necessidades humanas fundamentais;
- Perseguir equidade e justiça social;
- Buscar a autodeterminação social e respeitar a diversidade cultural;
- Manter a integridade ecológica.

Para Sampaio (2000, p. 99), o desenvolvimento sustentável deve estar alicerçado em uma "nova ética para o desenvolvimento que se deseja para a humanidade, ou seja, um desenvolvimento socialmente justo, ambientalmente prudente e, ainda, economicamente eficiente". Para o autor, esta vertente se distancia da ótica economicista, que deseja assegurar a sustentabilidade do desenvolvimento societário vigente, que valora economicamente tanto os aspectos ambientais como os sociais.

A sustentabilidade do desenvolvimento, segundo Stroh (apud Morin, 2000, p. 9) não significa um ajustamento suplementar à racionalidade do desenvolvimento moderno, e acrescenta:

“O âmago do conceito – o princípio ético da solidariedade – guarda o imenso desafio contemporâneo de assegurar a sustentabilidade da humanidade no planeta, no interior de uma crise de civilização de múltiplas dimensões interdependentes e interpenetrantes: ecológica, social, política, humana, étnica, ética, moral, religiosa, afetiva, mitológica... A sustentabilidade do desenvolvimento é um problema complexo, porque a sua essência está imbricada em um tecido de problemas inseparáveis, exigindo uma reforma epistemológica da própria noção de desenvolvimento”.

Acerca dessa problemática complexa, Leff (2001, p. 80) considera que:

“a gestão ambiental do desenvolvimento, fundada no potencial ecológico e na conservação da diversidade de modos culturais de aproveitamento de seus recursos, requer uma caracterização da organização específica de uma formação social. Esta estabelece-se por meio da articulação entre diversos processos ecológicos, culturais e históricos, o que obriga a pensar nas complexas relações entre cultura e inconsciente, entre ecologia, economia e cultura, entre diferentes disciplinas antropológicas, como a antropologia estrutural, cultural e ecológica”.

### 3.2 Turismo

Instrumento dos mais importantes em termos de alavancagem da economia de um país, a indústria do turismo, hoje, vem crescendo velozmente em todo o mundo, garantindo o crescimento econômico-social das mais diversas regiões e possibilitando, assim, a expansão do mercado de trabalho, gerando empregos e propiciando distribuição de renda.

Segundo a World Travel and Tourism Council – WTTC e a Organização Mundial de Turismo – OMT, a indústria do turismo no mundo em 1999, teve um faturamento de US\$ 4,5 trilhões de dólares, gerando US\$ 792,4 bilhões de impostos e 192 milhões de empregos, 656,9 milhões de chegadas de turistas e US\$ 455,5 bilhões de ingressos de divisas (EMBRATUR, 2001).

Ainda conforme dados da Embratur e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), em 1998 o turismo no Brasil teve uma renda de US\$ 31,9 bilhões, sendo 13,2 bilhões de receitas diretas com o turismo interno e 38,2 milhões de turistas domésticos. Em 1995, o Brasil recebeu 1,99 milhão de turistas estrangeiros, passando, em 1998 para 4,81 milhões de turistas. Em 1999, 5,1 milhões de turistas estrangeiros visitaram o Brasil gerando US\$ 3,9 bilhões de ingressos de divisas. Estima-se captar, até 2003, 6,5 milhões de turistas

estrangeiros e de expandir para 57 milhões de consumidores o fluxo do turismo doméstico, gerando 500 mil novos empregos.

Hoje, já chegam a 1.240 os municípios de vocação turística que participam do Programa de Municipalização do Turismo, da Embratur.

No plano externo, o Brasil pulou do 43º lugar em 1994 para 29º em 1999 no concorrido ranking da Organização Mundial de Turismo, de destino turístico mais demandado do mundo. A performance refletida na receita em divisas em 1998 só perdeu para a arrecadação obtida pelos exportadores de veículos (US\$ 4,9 bilhões).

No Brasil, segundo matriz insumo-produto do IBGE, o turismo impacta 52 segmentos diferentes da economia, empregando, em sua cadeia, desde a mão de obra mais qualificada, em áreas que se utilizam desde alta tecnologia (transportes e comunicação) até as de menor qualificação, tanto no emprego formal quanto no informal (EMBRATUR, 2001).

Entre as cidades mais visitadas no Brasil, conforme o mesmo órgão, em 1999, Florianópolis encontrou-se em segundo lugar com 17,69% , seguindo o Rio de Janeiro, que detêm 32,54 % do turismo. Em 1998, os principais mercados emissores de turistas para o Brasil foram a Argentina (31%), Estados Unidos (11%), Paraguai (9%), Uruguai (7%) e Alemanha (5%).

"Acredita-se que mais de meio milhão de pessoas pratiquem o ecoturismo no Brasil. Mesmo como atividade econômica recente, o ecoturismo deve empregar no Brasil, diretamente, mais de 30 mil pessoas, através de pelo menos 5 mil empresas e instituições privadas" (EMBRATUR, 2001, p. 3).

A Embratur, de responsabilidade federal, cita ainda que para a Organização Mundial do Turismo (OMT), enquanto o turismo cresce 7,5% ao ano, o ecoturismo cresce mais de 20%. Estima-se que o ecoturismo represente 5% do turismo mundial, e até 2005 ele representará cerca de 7% do turismo no Brasil.

### 3.2.1 Conceitos

Do dicionário Houaiss (2001, p. 2788):

"1. ação ou efeito de viajar, basicamente com fins de entretenimento e eventualmente com outras finalidades; 1.1 prática ou exercício de excursionar; Etimologia inglesa *tourism* (1800), de *tour* (1643) viagem de recreio, excursão".

De acordo com Beni (2001), desde 1930 as empresas e organizações governamentais de turismo tentavam controlar o tamanho e as características dos mercados turísticos. Precisavam de uma definição para a atividade e estas assumiram diversas linhas, embora observassem três principais elementos de definição de turista (que pratica turismo): objetivo e duração da viagem e distância viajada.

O autor destaca que a primeira destas definições adotadas pela Comissão de Estatística da Liga das Nações em 1937 referia-se ao turista internacional como “a pessoa que visita um país que não seja o de sua residência por um período de, pelo menos, vinte e quatro horas”.

Esta foi a base das definições posteriores, inclusive a incluída na Conferência sobre Viagens Internacionais e Turismo, realizada em Roma e patrocinada pelas Nações Unidas em 1963, que previa como turista:

“visitantes temporários que permaneçam pelo menos vinte e quatro horas no país visitado, cuja finalidade de viagem pode ser classificada sob um dos seguintes tópicos: lazer (recreação, férias, saúde, estudo, religião ou esporte), negócios, família, missões e conferências” (BENI, 2001, p. 35).

A definição foi aprovada em 1968 pela OMT - Organização Mundial de Turismo -, que passou a incentivar os países a adotá-la. Anos depois, a mesma organização definiu turismo como:

“o fenômeno que ocorre quando um ou mais indivíduos se trasladam a um ou mais locais diferentes de sua residência habitual por um período maior que 24 horas e menor que 180 dias, sem participar dos mercados de trabalho e capital dos locais visitados” (EMBRATUR, 2001, p. 6).

A Embratur - Instituto Brasileiro de Turismo - adota a definição da OMT. O instituto possui um documento denominado Política Nacional de Turismo, no qual estão inseridos programas de desenvolvimento e incentivo à atividade turística, destacando-se o PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo) e o Programa Nacional de Ecoturismo.

A mais antiga das conceituações ainda utilizada, segundo Oliveira (1998) atribuiu-se ao economista austríaco Herman von Schllard, que em 1910 definiu turismo como sendo a soma das operações, especialmente as de natureza econômica,

diretamente relacionadas com a entrada, permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região.

Conforme Oliveira (1998, p. 34):

“Denomina-se turismo o conjunto de resultados de caráter econômico, financeiro, político, social e cultural, produzidos numa localidade, decorrentes da presença temporária de pessoas que se deslocam do seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea e sem fins lucrativos”.

O mercado turístico foi evoluindo e com a mensuração do tamanho e natureza dele, as dificuldades de consenso nas suas definições estenderam-se. A definição particular tomada como referencial o turista exigiu mais amplitude, integrando esta na estrutura geral do turismo, conceituando assim a atividade.

O turismo é conceituado por diversas empresas, autores e órgãos governamentais, identificando principalmente a questão econômica, técnica e holística.

Para Andrade (1995, p. 28), o turismo é:

“o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos turísticos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento”.

Os setores tradicionais da indústria estão estagnados em seu processo e para Kotler (1995), a nova era dos serviços é quem irá comandar o século XXI com sua “pujança de trilhões de dólares”, justificando a dificuldade de se definir o turismo por ser atividade complexa.

Alberto Sessa (apud Beni, 2001, p. 34), definiu turismo como uma atividade industrial real e não terciária, porque nele existe um processo de transformação de matérias-primas para a elaboração de produtos que são comercializados e consumidos no mercado.

O turismo não é indústria, ou seja, um conjunto de operações necessárias para a transformação de matérias-primas, e sim uma atividade econômica motivada pela recreação, deslocamento que geram gastos e receitas, ou propensão a viajar também gerando riquezas (PALOMO, apud BENI, 2001).

Para Beni (2001, p. 35), o que ocorre, na realidade, "é uma agregação de valores aos diferenciais turísticos naturais e culturais, e não uma transformação tangível e concreta na matéria-prima original".

Este autor expressa a complexidade da atividade, que compreende a produção e o consumo, as atividades secundárias e as terciárias que agem articuladamente.

O fenômeno turístico, neste contexto, foi apreendido por Wahab (1991, p. 9) com rara precisão:

"O turismo é uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo da integração entre povos, tanto dentro de um mesmo país como fora dos limites geográficos dos países. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outra região, país ou continente, visando à satisfação de necessidades outras que não o exercício de uma função remunerada. Para o país receptor, o turismo é uma indústria cujos produtos são consumidos no local formando exportações invisíveis. Os benefícios originários deste fenômeno podem ser verificados na vida econômica, política, cultural e psicossociológica da comunidade".

O turismo é uma atividade própria das civilizações humanas, principalmente das sociedades de consumo, que combinam ações públicas e privadas, exigindo investimentos financeiros e tecnológicos, planejamento e gestão, além de estratégias para conscientização preservativa no uso de espaços naturais e culturais.

### 3.2.2 Turismo sustentável

O conceito de turismo sustentável começou a ser debatido desde que o turismo de massa tornou-se um fenômeno, a partir de 1960, como explica Swarbrooke (2000), embora estivesse intimamente relacionado com os conceitos de desenvolvimento sustentável ligado à natureza.

O autor comenta que somente após 1980, o turismo começou a observar com seriedade as questões verdes e a idéia de turismo sustentável, mas ainda não há uma definição completamente aceita podendo ocasionar confusões quanto ao seu significado. Seguindo a aplicação da definição do Relatório Brundtland, de sustentabilidade do turismo tem-se:

"Formas de turismo que satisfaçam hoje as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, sem comprometer a capacidade das gerações de satisfazerem suas próprias necessidades" (SWARBROOKE, 2000, p. 19).

Ainda conforme o mesmo autor, se considerar os elementos ambientais, sociais e econômicos a definição seria:

"significa turismo que é economicamente viável, mas não destrói os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local".

Para o PNMT (1994, p. 21), turismo sustentável "é o turismo explorado de forma consciente, organizado e planejado, onde se permite a sua continuidade".

O mesmo programa considera:

"O Turismo Sustentável é um modelo de desenvolvimento econômico que foi criado para assegurar a qualidade de vida da comunidade, proporcionar satisfação ao turista e manter a qualidade do ambiente do qual dependem, tanto as comunidades como o turista".

A dificuldade de se definir turismo sustentável e em aceitar as definições já elaboradas, está na problemática de se reduzir de forma simplificadora um tema complexo por natureza. Outra questão a se destacar, é a limitação conceitual que a academia propõe, que por seu rigor especialista, acaba por limitar outras áreas do conhecimento.

### **3.3 Ecoturismo**

#### **3.3.1 Conceitos**

Do dicionário Houaiss (2001, p. 1098), ecoturismo significa "ECO Turismo que respeita e preserva o equilíbrio do meio, fomentando a educação ambiental".

De acordo com o Manual de Diretrizes para a Política Nacional de Ecoturismo (EMBRATUR, 1994, p. 5), o ecoturismo é um dos segmentos que apresenta maior crescimento na indústria atual do turismo e resulta, por sua vez, em um crescimento de ofertas e demandas.

Segundo a OMT (1994), a The Ecotourism Society, conceituou o ecoturismo como sendo uma viagem responsável a áreas naturais, visando preservar o meio ambiente e promover o bem estar da população local.

O trabalho estratégico para viabilizar a exploração turística organizado no pelo documento da Embratur - Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo (1994, p. 5), o ecoturismo ficou definido como:

"um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas".

Já a comissão técnica Embratur-Ibama (1994, p. 6), que elaborou a legislação específica para o desenvolvimento do ecoturismo, definiu-o da seguinte maneira:

"é o turismo desenvolvido em localidades de potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística com o meio ambiente, harmonizando as ações com a Natureza. Além disso, busca oferecer aos turistas um contato íntimo com os recursos naturais e culturais da região, buscando a formação de uma consciência ecológica".

Para o Programa Nacional de Ecoturismo da Embratur (1996, p. 1), o ecoturismo, na indústria de turismo e viagens é:

"segmento que apresenta o maior crescimento, resultando num incremento contínuo de ofertas e demandas por destinos ecoturísticos. É, também, o que possui uma forte resposta à grande preocupação mundial com o meio ambiente, possibilitando o crescimento do fluxo internacional e o crescimento de divisas. O Ecoturismo configura-se como uma importante alternativa de desenvolvimento econômico sustentável, proporcionando a promoção do desenvolvimento social nas comunidades em que se desenvolve".

Para Ruschmann (1993, p. 64), o desenvolvimento do ecoturismo sustentável é descrito como:

"aquele que pretende maximizar e otimizar a distribuição dos benefícios do desenvolvimento econômico, baseado no estabelecimento e na consolidação das condições de segurança sob as quais se manterão os serviços turísticos, a fim de que os recursos naturais sejam mantidos, restaurados e melhorados dentro de um futuro previsível".

O Programa de Ecoturismo (EMBRATUR, 2002, p. 1) que possui a ação conjunta da Embratur e do Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, através da Secretaria de Coordenação da Amazônia e do IBAMA, tem por

finalidade implementar as diretrizes traçadas para uma Política Nacional de Ecoturismo conceituou o ecoturismo como:

"segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas".

Este programa possui ações estratégicas que contemplam a regulamentação do ecoturismo, controle de qualidade do produto ecoturístico, implantação e adequação de infra-estrutura e participação comunitária.

Beni (2001, p. 428) denomina ecoturismo como:

"deslocamento de pessoas a espaços naturais delimitados e protegidos pelo estado ou controlados em parceria com associações locais e ONGs. Pressupõe sempre uma utilização controlada da área com planejamento de uso sustentável de seus recursos naturais e culturais, por meio de estudos de impacto ambiental, estimativas da capacidade de carga e suporte local, monitoramento e avaliação constantes, com plano de manejo e sistema de gestão responsável".

Segundo o autor, no Brasil o ecoturismo é confundido com turismo ecológico que, embora haja uma preocupação de educação e conscientização ambiental, a característica dominante é uma maior flexibilização ou inexistência de restrições rígidas à utilização do espaço visitado.

O ecoturismo de fato, portanto, ocorre em poucas áreas no País, uma vez que as áreas de conservação e proteção ambiental ainda não dispõem de uma política integrada e de um planejamento estratégico de uso e ocupação direcionados, especificamente para a atividade turística.

Este trabalho estará alicerçado nos princípios desta última definição, uma vez que propõe o ecoturismo considerando seus aspectos complexos na relação homem-ambiente.

### 3.3.2 Características e desenvolvimento

O ecoturismo, como uma atividade econômica recente, com crescimento superior a 15% ao ano, emprega, no Brasil, diretamente, mais de 25 mil pessoas, através de cerca de 3 mil empresas e instituições privadas. Estimativas apontam que há hoje,

mais de 50 milhões de pessoas no mundo praticantes do ecoturismo, e mais de meio milhão no País (EMBRATUR, 2001).

Segundo o mesmo Instituto, o ecoturismo “é um dos segmentos que apresenta maior crescimento na indústria atual do turismo e resulta, por sua vez, em um crescimento contínuo de ofertas e demandas”.

Em todo o mundo o controle e fiscalização no desenvolvimento do ecoturismo, pretendem assegurar às comunidades envolvidas, boas condições de vida através de seus reais benefícios, protegendo e valorizando as áreas naturais de maneira que se permita que as gerações futuras utilizem e se beneficiem deles.

“Na atualidade é praticamente impossível conceber a atividade turística sem um marco ambiental adequado que guie e dê sentido à sua evolução e desenvolvimento...”. (MOLINA, 1998, p. 12)

O ecoturismo propõe-se a levar o homem ao contato direto com a natureza, de forma orientada e conservadora, constituindo-se assim em um poderoso vetor de educação ambiental.

A atenção do homem aos problemas da natureza, gerou curiosidade pelos elementos naturais do nosso planeta e o seu relacionamento com a civilização moderna. Criou-se uma espécie de temor coletivo, pois percebeu-se que a própria existência da humanidade corre risco, se o equilíbrio universal das espécies e do meio onde vivem for rompido e degradado.

O ecoturismo vem crescendo de maneira efervescente e visível. É grande o fluxo de pessoas adeptas ao ecoturismo no mundo, conforme afirma Molina (1998). As perspectivas de novas adesões são positivas, inclusive os praticantes eventuais são possíveis candidatos a tornarem-se ecoturistas permanentes.

O desafio que enfrentam os países com relação a seus atrativos naturais é de conseguir um desenvolvimento harmonioso, evitando sua degradação e trazendo benefícios econômicos e sociais para as populações locais.

O reconhecido direito ao lazer e o progresso social abriram as portas do turismo a todas as camadas sociais, em particular nos países industrializados e o Relatório – ECO 92 (1992) relata que o turismo deixou de ser considerado um artigo de luxo para passar a ser um bem necessário à melhoria da qualidade de vida do Homem.

No Brasil, a partir de 1966, as iniciativas, programas e projetos destinados ao desenvolvimento do turismo passaram a ser financiados e fomentados pelos

Estados, através da criação do Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR, que reconheceu a forte necessidade de apoiar o desenvolvimento da atividade turística como um poderoso fator de crescimento econômico (EMBRATUR, 1994).

O ecoturismo apresenta-se como fonte emergente e de crescimento constante, embora restrito a áreas de preservação e controladas, vem acrescentando interesses e aspirações às pessoas que desejam fazer dessa atividade, parte de suas vidas.

Ainda segundo o Instituto, as instalações para o ecoturismo devem respeitar rigorosamente as leis ambientais e a consciência ecológica. Destacam-se os “Lodges”, que são os meios de hospedagem de turismo ambientais e ecológicos, as Embarcações Turístico-Fluviais estilo Barco-Hotel, os Acampamentos Turísticos de Pesca e os Centros de Tradições e Manifestações Indígenas e Regionais, estes últimos de aspecto inovador.

Estes meios de hospedagem citados são geralmente, de pequeno porte com capacidade limitada de acúmulo de pessoas. Eventualmente são implantados sobre flutuantes, para locomoção a outros locais quando do interesse ou por necessidade.

### 3.3.3 Diretrizes, programas e projetos

A Embratur (1996), através da Política Nacional de Turismo – Diretrizes e Programas -, possui os seguintes programas relacionados ao Ecoturismo:

- Formação e Capacitação Profissional para o Ecoturismo, que tem por objetivo geral contextualizar o ecoturismo como fator de desenvolvimento sustentável e produto âncora do turismo nacional, ainda que qualitativo e não-quantitativo.
- Programa Nacional de Ecoturismo, que tem por objetivo geral o aproveitamento das potencialidades naturais de cada região, com vistas ao seu desenvolvimento, compatibilizando as atividades de ecoturismo com a conservação do meio ambiente, possibilitando a participação efetiva da comunidade e dos segmentos que atuam no setor.
- Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT -, que visa descentralizar a gestão da atividade turística e melhorar a qualidade de vida a partir da base que é o município.

Na Ilha de Santa Catarina, o Projeto Ambiente Sul (2002, p. 1), elaborou um Plano de Referência para um Desenvolvimento Sustentável no Sul da Ilha de Santa Catarina, que tem por objetivos:

- **Objetivo Geral:** Promover na região o turismo sustentável como instrumento gerador de trabalho e renda.
- **Objetivos Específicos:** Elaborar diagnóstico sócio-ambiental que sirva de subsídio na tomada de decisões e elaboração de projetos e programas de desenvolvimento sustentável; Estabelecer critérios e diretrizes que orientem o desenvolvimento turístico sustentável; Apontar potencialidades para empreendimentos turísticos que assegurem a harmonia com a conservação dos recursos e valores ambientais, sociais e estéticos; Estruturar os programas, ações e atividades realizados pela estrutura de gestão.

O Plano tem o intuito de garantir a conservação dos atrativos turísticos naturais e culturais. Estabelece diretrizes critérios iniciais, que contribuem para o desenvolvimento turístico sustentável e a formulação de políticas pública de gestão ambiental.

As diretrizes estão agrupadas quanto aos aspectos de uso e ocupação do solo, desenho e preservação da paisagem, educação ambiental, turísticos e tecnológicos, configurando grupos temáticos para direcionamento das futuras intervenções.

A Agenda 21 local do município de Florianópolis (2000), através de propostas elaboradas que visam o desenvolvimento sustentável regionalizado do município, contemplam o turismo em seu Programa 38, inserido na Economia do Setor Terciário e considera que:

"O comércio é o setor mais dinâmico da economia. O fortalecimento desse setor implica em sólida vantagem para o município frente ao mercado globalizado. O seu desenvolvimento, inclusive por via eletrônica, deve ser objetivo de toda a sociedade e dos comerciantes locais, que devem procurar romper a estagnação do setor, promovendo parcerias e oferecendo participação à empresas de outras regiões, visando maior dinamismo e novas ofertas de produtos".

Acerca do turismo que a Agenda 21 considera: Turismo do Verde, do Mar e das Praias acrescenta:

- Turismo sustentável é a forma eleita pelas comunidades avançadas para a geração de empregos e renda a suas populações. Essa deve ser também a forma escolhida pela população do município de Florianópolis, implicando o princípio de parceria, associativismo, e com os interesses das comunidades regionais preservados.

- A Câmara de Vereadores deve promover debates em torno das políticas públicas para o desenvolvimento do setor de turismo municipal. Os membros da Câmara de vereadores e a população em geral devem tomar conhecimento sobre esse assunto pautados em pareceres técnicos e científicos elaborados por universidades e instituições com reconhecida estrutura de pesquisa.

- Os planos e projetos de desenvolvimento turísticos devem prever estruturas de gestão, visando a sua efetiva implantação e o fortalecimento das unidades de conservação existentes dentro da área a ser explorada. A comunidade interessada deve ter representação dentro da estrutura de gestão.

- O comércio e o setor de serviços, juntamente com o poder público, devem desenvolver programas de capacitação e qualificação profissional para a sustentação de seus próprios setores e especialmente do setor de turismo.

- No setor turístico, suas forças privadas, devem planejar a utilização de circuitos turísticos integrados, envolvendo atividades sócio-culturais, econômicas, ecológicas, esportivas e de lazer. Devem implantar sistemas diferenciados de equipamentos e serviços turísticos e promover a interação do turista com as áreas e comunidades visitadas.

Na Área Temática I, que dispõe sobre o Desenvolvimento Sustentável Regionalizado dividido por regiões da ilha em dez Programas, os projetos, objetivos e atividades para se alcançar o desenvolvimento sustentável possuem algumas ressalvas acerca do ecoturismo, dependendo da região.

Embora todos estes programas e planos contemplem o ecoturismo, na prática pouco se aplicam, pois na realidade a atividade ainda não está regulamentada e tampouco estabelecida na Ilha de forma sustentável. O que ocorre, salvo algumas iniciativas, como as atividades nas trilhas da Lagoa do Peri orientadas por agentes da FLORAM, é a prática do turismo ecológico.

### 3.3.4 Unidades de conservação ambiental e áreas protegidas da Ilha

Conforme explicita Beni (2001), o ecoturismo ocorre em espaços naturais delimitados e protegidos pelo estado ou controlados em parceria com associações locais e ONGs. A proposta deste trabalho é propor o desenvolvimento sustentável do ecoturismo na Ilha de Santa Catarina, numa abordagem transdisciplinar. Torna-se necessário, portanto, descrever as unidades de conservação ambiental e as áreas protegidas da porção insular de Florianópolis, a fim de que possa ser visualizada as regiões potenciais para o estabelecimento da atividade turística em questão.

A Prefeitura Municipal de Florianópolis (2002, p. 4) apresenta as áreas e unidades de conservação do município, que representam aproximadamente 42% de sua área, sendo instituídas por legislação Federal, Estadual e Municipal.

#### 3.3.4.1 Instituídas por Legislação Federal

- Estação Ecológica dos Carijós - criada pelo Decreto Federal nº 94.656/87, é composta pelos manguezais de Ratonés (área = 61,87 ha) e do Saco Grande (área 9,35 ha), totalizando 71,22 ha.
- Reserva Biológica Marinha do Arvoredo - criada pelo Decreto Federal nº 99.142/90 com o objetivo de proteger amostra representativa dos ecossistemas da região costeira. Abrange as Ilhas do Arvoredo, das Galés e Deserta, o Calhau de São Pedro e área marinha que os circunda (municípios de Florianópolis e Governador Celso Ramos), totalizando 17.800 ha.
- Área de Proteção Ambiental Anhatomirim - instituída pelo Decreto Federal nº 528/92, compreende uma área de 3.000 ha localizada na baía Sul e em terras do Município de Governador Celso Ramos. Seu objetivo é assegurar a proteção da população de boto *Sotalia fluviatilis*, a sua área de alimentação e reprodução, bem como áreas remanescentes da Floresta Atlântica e fontes hídricas de interesse para a sobrevivência das comunidades de pescadores artesanais da região.
- Reserva Extrativista Marinha de Pirajubaé - instituída pelo Decreto Federal nº 533/92, é constituída pelo manguezal do Rio Tavares (área = 740 ha) e o baixio a sua frente (área = 704 ha), totalizando 1.444 ha.

### 3.3.4.2 Instituídas por Legislação Estadual

- Parque Florestal do Rio Vermelho - criado em princípio como Estação Florestal do Rio Vermelho pelo Decreto Estadual n.º 2.006/62, era destinado à experimentação de diversas espécies de "pinus" e à comprovação dos melhores índices de desenvolvimento de variedades adaptáveis à região catarinense. O Decreto Estadual n.º 994/74 criou o parque, o qual abrange uma área de 1.110 ha.

- Parque Estadual da Serra do Tabuleiro - criado pelo Decreto Estadual n.º 1.260/75, abrange áreas de mata atlântica, dunas, restinga, manguezais e capoeirões. Dos 90.000 ha decretados, uma área de 346,5 ha localiza-se em Florianópolis.

### 3.3.4.3 Instituídas por Legislação Municipal

- Dunas da Lagoa da Conceição - tombadas pelo Decreto Municipal n.º 1.261/75. O Decreto Municipal n.º 213/79 amplia a área tombada pelo decreto anterior, incluindo nas limitações do tombamento áreas limítrofes e adjacentes às dunas, com as quais tem estreita interação e dependência, totalizando 563 ha de área.

- Parque Municipal da Lagoa do Peri - a Lei n.º 1.828/81 cria o parque e institui seu Plano Diretor e o Decreto n.º 91/82 regulamenta a referida lei. Possui uma área de 2.030 ha.

- Dunas de Ingleses/Santinho, Campeche, Armação e Pântano do Sul - o Decreto n.º 112/85 tomba o sistema físico natural das dunas de Ingleses (área = 953,3 ha), Santinho (área = 91,5 ha), Campeche (área = 121 ha), Armação do Pântano do Sul (área = 5,9 ha) e Pântano do Sul (área = 24,2 ha), proibindo quaisquer atividades ou edificações nessas áreas.

- Restinga de Ponta das Canas e Ponta do Sambaqui - o Decreto Municipal n.º 216/85 tomba como Patrimônio Natural e Paisagístico do Município de Florianópolis a restinga de Ponta das Canas, com uma área de 21,5 ha, e a ponta do Sambaqui, com 1,3 ha de área, localizada no Distrito de Santo Antônio de Lisboa. Ambas são consideradas área de preservação permanente.

- Áreas de Preservação Permanente e de Uso Limitado - a Lei Municipal n.º 2.193/85, que dispõe sobre o zoneamento, o uso e a ocupação do solo nos

Balneários da Ilha de Santa Catarina, declarando-os área especial de interesse turístico, institui as Áreas de Preservação Permanente (APP), considerando o que determina a Lei Federal n.º 4.771/65 (Código Florestal) e Áreas de Uso Limitado (APL). Totaliza 10.074,2 ha de área de APP, incluindo o mangue de Itacorubi (área = 150 ha) e o mangue da Tapera (área = 52,5 ha).

- Região da Costa da Lagoa da Conceição - o Decreto Municipal n.º 247/86 tomba como Patrimônio Histórico e Natural do Município de Florianópolis a encosta da margem Oeste da Lagoa da Conceição, desde a Ponta dos Araçás até a Ponta do Saquinho, e o caminho da Costa da Lagoa, totalizando 967,5 ha.

- Lagoa da Chica e Lagoinha Pequena - o Decreto n.º 135/88 tomba como Patrimônio Natural e Paisagístico a Lagoinha Pequena, no Rio Tavares, antes considerada área verde de lazer pela Lei n.º 2.193/85 (área = 27,5 ha), e a Lagoinha da Chica, no Campeche (área = 3,75 ha).

- Parque Municipal da Galheta - criado pela Lei n.º 3.455/90, que considera a área de 149,3 ha como de preservação permanente.

- Parque Municipal da Lagoinha do Leste - criado pela Lei n.º 3.701/92, que protege uma área de 453 ha, maior que a Bacia Hidrográfica da Lagoinha que anteriormente foi tombada como Patrimônio Natural e Paisagístico pelo Decreto Municipal n.º 153/87.

- Dunas da Barra da Lagoa - a Lei Municipal n.º 3.771/92 institui o Plano de Reestruturação Urbano da Barra da Lagoa, alterando a Lei n.º 2.193/85 e protege as dunas da Barra da Lagoa em uma área de 6,6 ha.

- Parque Municipal do Maciço da Costeira - Criado pela Lei Municipal 4.605/95 e regulamentado pelo Decreto n.º 154/95, possui uma área de 1.456,3 ha. O parque está localizado a 5 km do Centro de Florianópolis, sendo que o acesso se faz somente por trilhas. Abrange áreas com relevo montanhoso, e visa a proteção da vegetação da Floresta Atlântica, fauna e os mananciais hídricos.

- Pontal da Daniela - Área de Preservação Permanente tombada pela Lei Municipal 5091/97. Com área de 15,64 há, visa a proteção de ecossistemas de manguezal e restinga.

### 3.4 Transdisciplinaridade

O termo "transdisciplinaridade" vem a conhecimento público em sete de março de 1986, pelo comunicado final do Colóquio organizado pela UNESCO (Declaração de Veneza) – A Ciência Diante das Fronteiras do Conhecimento, realizado em Veneza (CETRANS, 2001).

Nesta declaração, explicitou-se, entre outros, a urgência de uma troca dinâmica entre as ciências "exatas", as ciências "humanas", a arte e a tradição. No enfoque transdisciplinar, o estudo conjunto da natureza e do imaginário, do universo e do homem, aproximaria mais o ser humano do real e permitiria enfrentar melhor os diferentes desafios desta época.

Ainda no mesmo documento, houve referência ao ensino convencional da ciência como apresentador linear dos conhecimentos, dissimulador da ruptura entre a ciência contemporânea e as visões anteriores do mundo.

Reconheceu-se a necessidade da busca de novos métodos de educação que levem em conta os avanços da ciência, que agora se harmonizam com as grandes tradições culturais, cuja preservação e estudo aprofundado são fundamentais.

A física quântica, que revolucionou conceitos no século passado, fez com que a visão de realidade antiga, com seus conceitos de continuidade, localidade e determinismo, fosse explodida, embora ainda predomine nos setores políticos e econômicos.

A constante procura pela especialização separou a ciência da cultura, numa tentativa de consolidar a modernidade, o que distanciou o sujeito do objeto, presentes na origem da ciência moderna.

A transdisciplinaridade reconhece o valor da especialização e fragmentação, mas propõe ultrapassá-la, recompondo a unidade da cultura e encontrando o sentido inerente à vida. Nesta perspectiva, há pesquisadores animados pela atitude transdisciplinar, e não especialistas transdisciplinares.

Segundo o CETRANS (2001), a transdisciplinaridade reconhece a existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas distintas e admitindo um terceiro incluído. Esta visão ultrapassa o domínio das ciências por seu diálogo também com a experiência espiritual.

Em tempos de interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, a transdisciplinaridade apresenta-se como multidimensional, considerando questões temporais e históricas,

não excluindo a existência de um horizonte trans-histórico, como é relacionado na Carta de Transdisciplinaridade, adotada no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, Convento de Arrábida, Portugal, em novembro de 1994 (CETRANS, 2001).

### 3.4.1 Pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade

Na metade do século XX, surgem a pluridisciplinaridade e a interdisciplinaridade, pela necessidade de vínculo entre as distintas disciplinas.

Nicolescu (1999) apresenta as distinções necessárias entre os termos:

- A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma única disciplina por diversas disciplinas ao mesmo tempo.
- A interdisciplinaridade tem uma ambição diferente daquela da pluridisciplinaridade. Ela diz respeito à transferência dos métodos de uma disciplina à outra. É possível distinguir três graus de interdisciplinaridade: a) um grau de aplicação. Por exemplo, os métodos da física nuclear transferidos à medicina conduzem à aparição de novos tratamentos de câncer; b) um grau epistemológico. Por exemplo, a transferência dos métodos da lógica formal ao campo do direito gera análises interessantes na epistemologia do direito; c) um grau de geração de novas disciplinas. Por exemplo, a transferência dos métodos da matemática ao campo da física gerou a física-matemática; da física de partículas à astrofísica, a cosmologia-quântica; da matemática aos fenômenos meteorológicos ou aos da bolsa, a teoria do caos; da informática à arte, a arte-informática. Como a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade também permanece inscrita na pesquisa disciplinar. Seu terceiro grau inclusive contribui para o big-bang disciplinar.
- A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" o indica, diz respeito ao que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de toda disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo atual, e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento.

### 3.4.2 Conceitos

Para D'Ambrósio (1997, p. 9), a transdisciplinaridade na sua essência é uma postura transcultural de respeito pelas diferenças; de solidariedade na satisfação das necessidades fundamentais, e de busca de uma convivência harmoniosa com a natureza, e acrescenta:

"a transdisciplinaridade não constitui uma nova filosofia. Nem uma nova metafísica. Nem uma ciência das ciências e muito menos, como alguns dizem, uma nova postura religiosa. Nem é, como insistem em mostrá-la, um modismo. O essencial da transdisciplinaridade reside numa postura de reconhecimento onde não há espaço e tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar – como mais corretos ou verdadeiros – complexos de explicação e convivência com a realidade que nos cerca".

Para Morin (apud Paul, 2001, p. 4) "a fronteira disciplinar, sua linguagem e seus conceitos próprios isolarão as disciplinas umas das outras e dos problemas que cavalgam as disciplinas".

Após a interdisciplinaridade e suas incansáveis tentativas de estabelecer relações entre as disciplinas:

"Enfim, à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar suceder uma etapa superior que será transdisciplinar, que não se contentará com a obtenção de interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situará essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre essas disciplinas" (NICOLESCU, apud PAUL, 2001, p. 4).

Para Leff (2001, p. 83), a transdisciplinaridade pode ser definida como:

"um processo de intercâmbio entre diversos campos e ramos do conhecimento científico, nos quais uns transferem métodos, conceitos, termos e inclusive corpos teóricos inteiros para outros, que são incorporados e assimilados pela disciplina importadora, induzindo um processo contraditório de avanço/retrocesso do conhecimento, característico do desenvolvimento das ciências".

A Carta da Transdisciplinaridade no Artigo 5 (CETRANS, 2001, p. 2) enuncia que:

"a visão transdisciplinar é resolutamente aberta na medida em que ultrapassa o campo das ciências exatas por sua lógica e sua reconciliação não apenas com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior".

Nesta mesma carta, em sua versão final, explicita-se a metodologia específica da transdisciplinaridade. Nicolescu (1999, p. 68) apresenta esta metodologia: complexidade, terceiro incluído e diferentes níveis de realidade.

Como é descrito no Artigo 2, da citada carta, "toda tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da transdisciplinaridade".

O comunicado final realizado pelos participantes do Congresso "Ciência e Tradição: Perspectivas transdisciplinares para o século XXI", realizado pela UNESCO em Paris, dezembro de 1991 (CETRANS, 2001, p. 1) considera que:

"a transdisciplinaridade não procura construir sincretismo algum entre a ciência e a tradição: a metodologia da ciência moderna é radicalmente diferente das práticas da tradição. A transdisciplinaridade procura pontos de vista a partir dos quais seja possível torna-las interativas, procura espaços de pensamento as que façam sair de sua unidade, respeitando as diferenças, apolando-se especialmente numa nova concepção de natureza".

A base do raciocínio transdisciplinar é o saber quântico, que é marcado pela dialógica da pertinência difusa simultânea, permite compreender a realidade de um mesmo objeto possuindo dois comportamentos lógicos distintos. Permite ainda, enquanto saber transiente que é, atravessar e comunicar-se, sem entrar em contradição, com os demais quatro saberes constituídos e suas respectivas lógicas: o saber religioso, o saber filosófico, o saber popular e o saber científico (CETRANS, 2001).

Para Silva (2000, p. 15) a transdisciplinaridade não prescinde e nem exclui os demais modos de interpretar o mundo, ela apenas mostra o quanto suas lógicas são reducionistas; e acrescenta:

"Se a realidade é ontológica – existe independente do domínio lingüístico do observador em representá-la -- e complexa – possui resistências não explicitadas a todas as disciplinas – então sua representação disciplinar é sempre reducionista, revelando apenas parte de sua complexidade e ontologia. Na medida em que os pesquisadores consigam identificar a sua contribuição disciplinar de representação da realidade que possa ser também explicativa da complexidade de um outro nível de realidade, está aí o construto do objeto transdisciplinar. Este objeto, assim como o sujeito que o concebe, é uma emergência dos diversos níveis de realidade e de suas zonas de não resistência".

O sujeito e objeto necessitam de um terceiro elemento para dar equilíbrio e consistência ao paradigma transdisciplinar e vislumbrar seu modelo de realidade. É

necessário um terceiro elemento não passível de racionalização, que permita exatamente a existência dialógica dos outros dois (SILVA, 2000).

No turismo este espaço é, portanto, o espaço do *sagrado*. O *sagrado*, enquanto experiência vivida, representa o terceiro que se inclui para dar sentido a dialógica entre sujeito e objeto na representação transdisciplinar de uma realidade.

A atitude transdisciplinar possui três características essenciais: o *rigor*, a *abertura* e a *tolerância*, e com isto abre a perspectiva metodológica (NICOLESCU, 1999).

Conforme o autor, o rigor diz respeito ao uso da linguagem como principal elemento mediador da dialógica ternária do transdisciplinar, podendo até se afirmar como sendo um aprofundamento do rigor científico.

A abertura diz respeito à possibilidade do inesperado, do imprevisível na construção do conhecimento advindo das zonas de resistência entre sujeito e objeto.

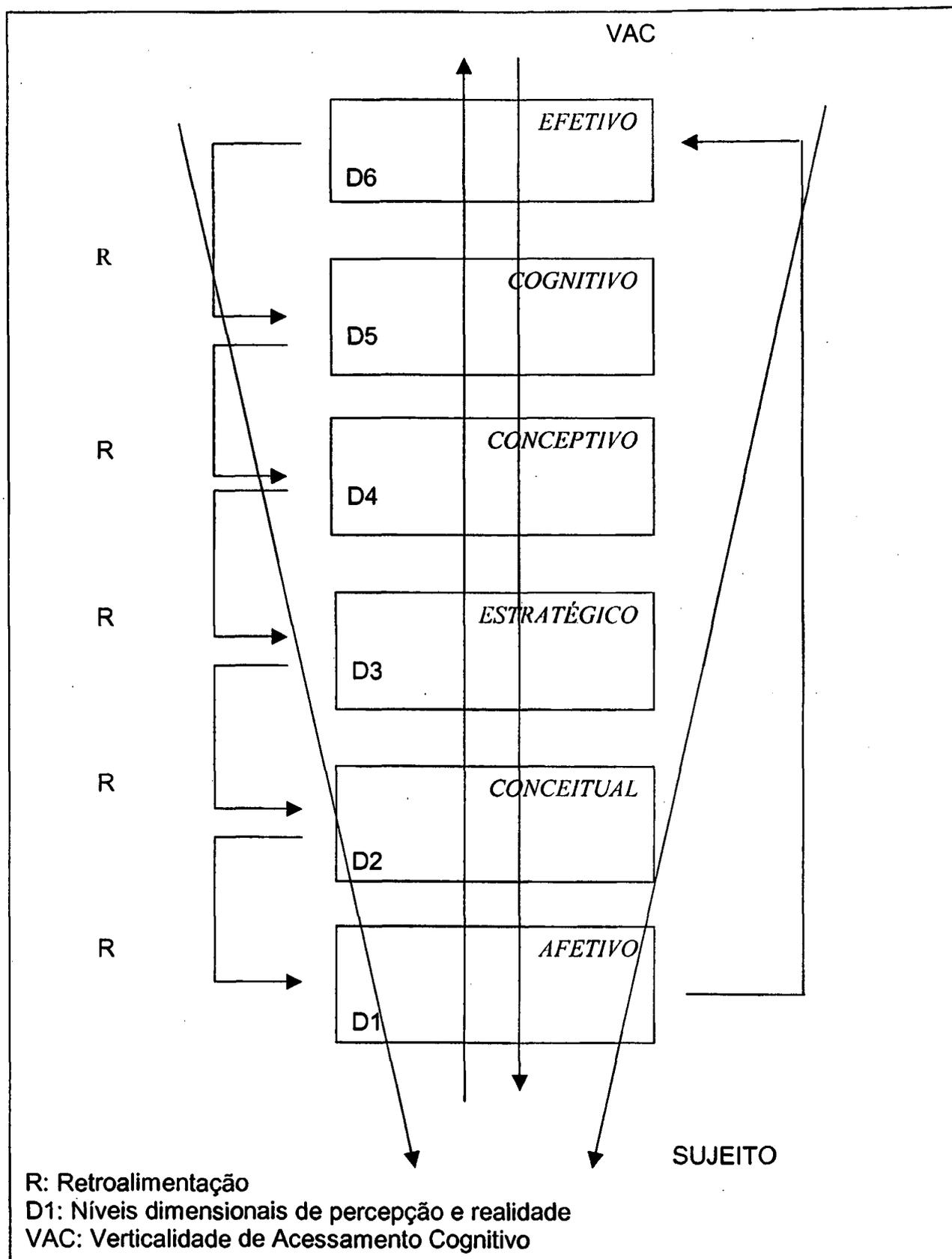
A tolerância significa o reconhecimento das posições contrárias (idéias e verdades) aos princípios fundamentais da transdisciplinaridade.

### 3.4.3 Dimensões de realidade e de percepção

Conforme Silva (2000), a sustentabilidade exige estratégias cooperativas, muito mais que competitivas e as pessoas que atuam com sistemas complexos – como os relativos à questão ambiental – possuem um claro compromisso com a urgência de soluções, considerando que não há como se resolver problemas atuais com os mesmos paradigmas que os geraram.

Na expectativa de se fazer avançar a reflexão rumo à ação, a perspectiva metodológica para a investigação transdisciplinar em temas ambientais é apresentada por Silva (2000, p. 18), conforme apresentado na figura 3.1.

Figura 3.1: A Perspectiva Transdisciplinar Metodológica



Fonte: Silva (2000)

Segundo o autor, esta perspectiva constitui-se por dimensões de realidade e de percepção, através dos quais o sujeito irá construir suas zonas de transição sem resistência. Há uma hierarquia nas dimensões, que, “uma vez construídas, desaparecem”. Existe uma ordem exigida, pois o terceiro incluído está sempre no nível dimensional superior. A retroatividade acontece na medida que o sujeito ascende de uma dimensão a outra. No fechamento do ciclo, ocorre a construção da relação entre a efetividade dos resultados e a afetividade das pessoas que participaram ou foram objeto da ação, sempre havendo a garantia de abertura de novos ciclos.

A descrição das dimensões segue, dadas as considerações de Silva (2000):

- *Dimensão Afetiva*: construída através de três abordagens: a cooperativa, que produz um emocional voltado para o *religare* do sujeito com o universo, o ambiente local e as pessoas, através de conceitos de pertinência, afinidade e solidariedade; a estética, para o reconhecimento da estética –feiúra e beleza – do acoplamento estrutural do sujeito com o seu ambiente, através de conceitos de essência, criatividade e estética; a cognitiva, que trabalha o emocional pela capacidade de representação da intersubjetividade, através da técnica de construção de texto coletivo. O par de contraditórios é representado pela disjunção entre as pessoas e o ambiente. O terceiro incluído trata de qualificar a transcendência inicial do sujeito através de um conjunto mínimo de conceitos introdutórios ao paradigma da sustentabilidade.

- *Dimensão Conceitual*: resgata o histórico da etapa inicial da metodologia interdisciplinar, a de construção de conceitos-chave. É construída a partir de cinco conceitos operativos – biosfera, ambiente, cidadania ambiental, desenvolvimento sustentável e saúde integral – e cinco eras históricas de resgate das relações entre a sociedade e a natureza – formação de ecossistemas, formação do ambiente, início de degradação, crise atual e era das relações sustentáveis. O par de contraditórios é dado pela disjunção entre o conjunto de conceitos do paradigma da sustentabilidade e o conjunto de conceitos de cada uma das disciplinas envolvidas. O terceiro incluído se complementa com a identificação na dimensão superior, a do planejamento estratégico.

- *Dimensão Estratégica*: composta pelas etapas de Acordo Inicial entre os diversos participantes individuais e institucionais; o Resgate Histórico do movimento

de sustentabilidade; a identificação do Mandato atual normativo do novo estilo de desenvolvimento – conjunto de leis reguladoras da degradação e promotoras da sustentabilidade -; a construção da Missão da equipe, criando o foco coletivo de trabalho; a elaboração do Diagnóstico Estratégico, elemento analítico fundamental para a construção da relação com o par de contraditório da dimensão anterior; a Formulação de Estratégias e a construção da Visão de Sucesso, mediante o emprego de técnicas de visualização criativa. O par de contraditórios é dado pela realidade de contraditórios revelados no diagnóstico estratégicos. O terceiro incluído é a concepção estratégica – na qual é considerado todo o produto do planejamento estratégico realizado na dimensão anterior.

- *Dimensão Conceptiva*: é caracterizada pela Coordenação Solidária, onde o coordenador estabelece-se pela sua capacidade mediadora; pela Concepção Dimensional que acontece através da identificação de dimensões que atendam as estratégias formuladas na dimensão anterior; e o Detalhamento Fractal, que consiste na aplicação do fractal do projeto às linhas de ações, construindo assim a estrutura de acoplamento de cada ação individual e disciplinar ao espaço transdisciplinar. O par de contraditórios é dado pela tensão essencial que se estabelece entre a concepção da pesquisa formulada pela equipe e a realidade ontológica sobre a qual o projeto irá atuar. O terceiro incluído é a cognição – enquanto capacidade do sujeito de aprender com o seu próprio operar no ambiente que lhe cerca.

- *Dimensão Cognitiva*: trata-se da produção do conhecimento das diversas linhas de ação do que se pretende. É caracterizada pelos aportes: epistêmico, pedagógico e metodológico. O par de contraditórios é uma relação de poder agregador das informações produzidas e dos conhecimentos construídos pelo que se pretende contra o poder desagregador das culturas políticas e institucionais vigentes sobre o ambiente trabalhado.

- *Dimensão do Efetivo*: diz respeito à relação entre eficiência dos diversos fluxos de informação e consciência do processo transdisciplinar com a eficácia de aplicação de seus resultados junto a sociedade. O par de contraditórios é dado pela relação entre eficiência e eficácia. O terceiro incluído está na emergência desta relação, que é a efetividade e encontra-se justamente na primeira dimensão, que é a afetiva.

O autor finaliza este ciclo de pesquisa operacionalmente, e considera aberto o ciclo das possibilidades de mudanças sociais e civilizatórias.

## 4 ECOTURISMO: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

“Quando a humanidade vive em ordem,  
Os cavalos puxam o arado;  
Quando ela renega sua lei interna,  
Os cavalos se preparam para a guerra...”.

Lao-Tsé (Tao Te Ching)

A transdisciplinaridade, conforme Silva (2000), pode transitar sem resistência, por seis níveis de realidade: afetivo, conceitual, estratégico, conceitual, cognitivo e efetivo.

Na Ilha de Santa Catarina, o ecoturismo pouco ocorre de maneira planejada, como já descrito anteriormente, e pouco considera também as interações e a complexidade existentes na atividade.

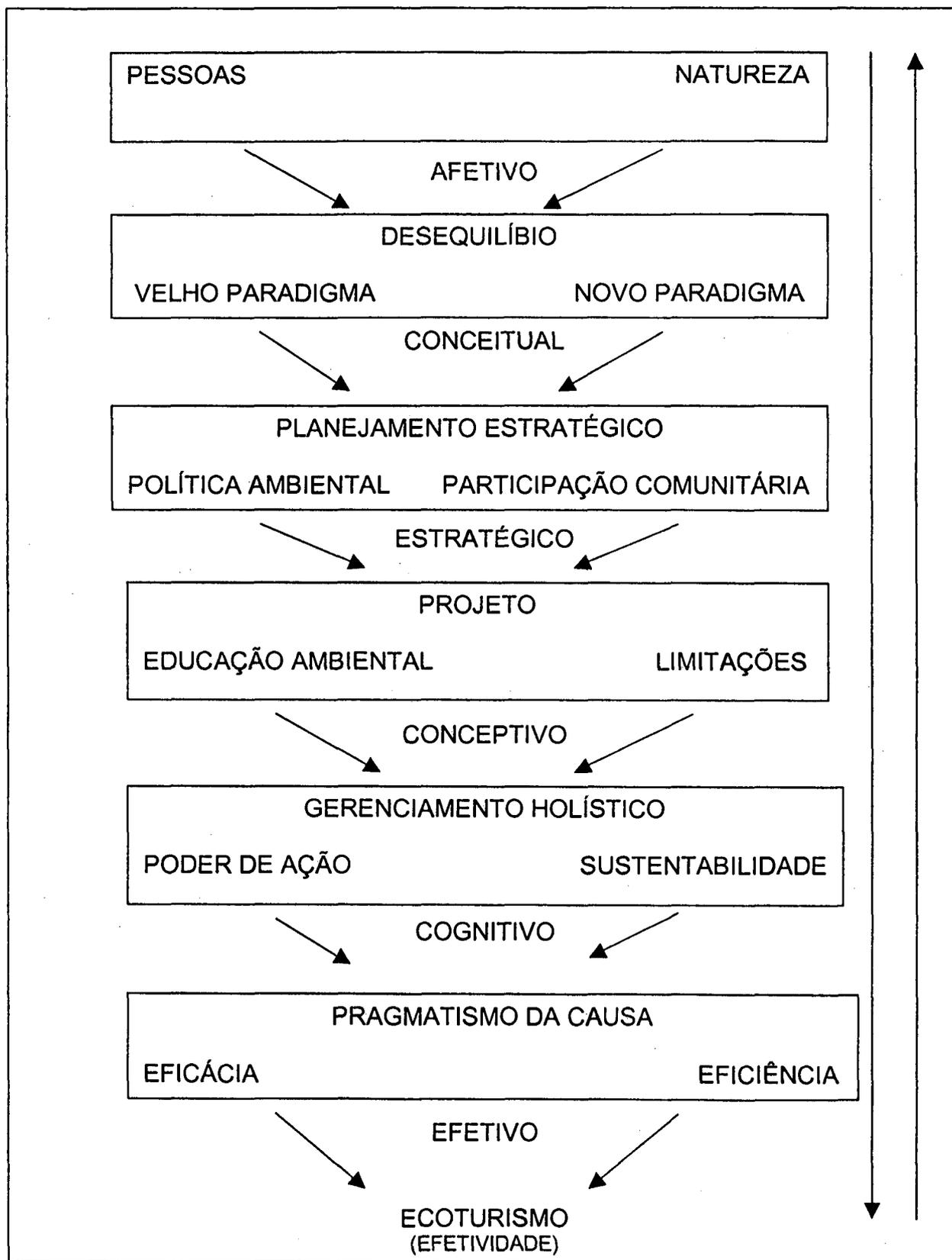
Neste contexto, Leff (2001, p. 83) aponta que na problemática ambiental num processo transdisciplinar:

“os efeitos positivos dos intercâmbios conceituais entre disciplinas científicas e a internalização do saber ambiental dentro de seus paradigmas teóricos podem contribuir para compreender melhor a articulação dos processos ecossistêmicos, geográficos, econômicos, culturais e sociais que caracterizam uma problemática ambiental concreta”.

Seguindo a metodologia transdisciplinar abordada no capítulo terceiro deste trabalho, apresenta-se então, uma proposta para o estabelecimento do ecoturismo, respeitando as diferentes disciplinas e as possíveis dificuldades que surgiriam ao longo do processo. Seguindo os seis níveis, tem-se a possível situação, conforme apresentada na figura 4.1.

Os níveis apresentados na figura 4.1 serão descritos nos itens 4.1 a 4.6.

Figura 4.1: Perspectiva Transdisciplinar Metodológica para o Ecoturismo



## 4.1 Dimensão afetiva

Apresenta-se nesta dimensão o intuito natural que aproxima o *homem* da *natureza*, numa interação de maior ou menor intensidade. O desejo de momentos agradáveis na busca do equilíbrio e lazer o leva ao encontro com o ambiente, na atividade de ecoturismo. O emanar da energia dos ambientes, harmonizam o corpo, a mente e o espírito.

"O homem atual vive distante e em desarmonia com a natureza, desentende as suas leis e as desrespeita sistematicamente; como resultado disso ele está doente, tornou a sua vida complexa, competitiva e cansativa, não sabe mais se alimentar, não sabe respirar, não conhece a linguagem da natureza e não sabe ser feliz" (BONTEMPO, 1994, p. 16).

O encantamento ocorrido pelo envolver-se do ser humano com os elementos naturais provoca emoção, sentimento de ser parte do todo no universo, plenitude, alegria, paz e felicidade (conforme o "sentir" de cada sujeito que envolve-se).

## 4.2 Dimensão conceitual

Nesta dimensão, através da intervenção do homem na natureza, em ações aleatórias ou mal planejadas, ocorre o *desequilíbrio* e degradação, comprometendo o ecossistema e sua sustentabilidade.

Com a cultura de consumo e de massas, a degradação ambiental vem crescendo. Desde a revolução científica dos séculos XVII e XVIII, se difundiu a visão mecanicista do mundo apresentada por Descartes (1999), Francis Bacon e outros.

Esta visão afirma que os fenômenos da natureza podem ser melhor explicados se isolados uns dos outros. Nesta tendência reducionista, fragmentada e compartimentalizada, concebem o mundo em partes separadas, observando o homem separado do ambiente, reforçando a idéia de que o homem pode explorar e consumir a natureza. Este *velho paradigma* caracteriza-se por tornar difícil a compreensão da complexidade do universo. Na atividade turística observa-se a forte exploração dos recursos naturais, seguindo os conceitos da visão cartesiana.

Na dimensão conceitual, há a necessidade de alterar os valores de competição para cooperação, de quantidade para qualidade, da dominação para a parceria, do consumo para a preservação. A construção deste *novo paradigma* resgata a relação

de respeito do homem com a natureza e sua espiritualidade, estabelecendo uma teia de relações sustentáveis.

Sob esta ótica, o ecoturismo na Ilha pode ser proposto numa revisão de conceitos existentes através de alternativas que proponham o uso racional e sustentável dos recursos disponíveis.

### **4.3 Dimensão estratégica**

Na dimensão estratégica, o terceiro elemento incluído entre velho e novo paradigma, surge como o planejamento estratégico.

O plano estratégico deixa de ser competitivo (velho paradigma) para fazer uso de técnicas e ações cooperativas. Pode ser realizado para determinar a análise das potencialidades e fragilidades internas de uma organização. Deve ser um processo contínuo de formulação e administração organizacionais, onde a projeção futura é constantemente formulada.

No ecoturismo da Ilha, a elaboração do planejamento estratégico é fundamental, uma vez que a degradação e a poluição dos ambientes utilizados pela atividade, evoluem sem planejamento adequado e através de especulações imobiliárias ostensivas, conforme já descrito anteriormente.

Para que a formulação do planejamento estratégico no ecoturismo da Ilha obtenha resultados há a necessidade de amparos legais que salvaguardem a sustentabilidade e a sua operacionalidade. Podem ser através de *políticas ambientais* sérias e permanente, que estabeleçam mecanismos eficientes de controle do uso, manejo e conservação dos recursos naturais em questão. A *participação comunitária*, é fundamental neste processo para garantir o respeito e a sustentação destas políticas, mas é importante que seja representada de maneira efetiva por pessoas qualificadas.

### **4.4 Dimensão conceitual**

Na dimensão conceitual, o projeto de ecoturismo surge como terceiro incluído do par de contraditórios da dimensão anterior.

Nesta dimensão, os elementos potencialidades, fragilidades, oportunidades e ameaças dos ambientes interno e externo são imprescindíveis para a criação, avaliação e escolha das estratégias a serem definidas e adotadas. A análise deve

envolver os aspectos econômicos, tecnológicos, socioculturais, político-legais e demográficos. Surge, neste caso, a necessidade de uma coordenação solidária (característica interdisciplinar) e a concepção dimensional do projeto para o ecoturismo, no qual identifica-se as dimensões que atendem as estratégias do planejamento, esclarecendo missão, visão e valores.

Na elaboração do projeto de ecoturismo, surge ainda, a tensão entre a pesquisa formulada e a realidade sobre a qual irá atuar, no caso a Ilha, pois estão inseridas de forma redundante e simultânea. Este processo passa a ser mais complexo, pois inserem-se elementos da natureza e as ações da sociedade. A partir desta realidade, surge um novo par de contraditórios: a *educação ambiental*, de resultados a longo prazo e as *limitações* da concepção, que surgem após a implantação do projeto. No ecoturismo, ainda visto pela lógica binária e não transdisciplinar, de lógica ternária, onde a teoria na prática é outra consiste em sua maior limitação, pois exige mudança de concepção imediata.

#### 4.5 Dimensão Cognitiva

Na dimensão cognitiva, o terceiro incluído do par de contraditórios da dimensão anterior surge como o *gerenciamento holístico* do projeto, através do aprender com o operar, o executar. Esta dimensão é justificada pelo conhecimento adquirido e vivenciado, caracterizando-se pela supremacia sobre os demais elementos do desenvolvimento. A execução deste gerenciamento holístico do ecoturismo deve obedecer ao processo epistêmico, onde o trabalho de discussão com a equipe atuante no processo deve-se realizar constantemente, embasados nos paradigmas que fundamentam a prática.

Há ainda a necessidade de uma atuação pedagógica, onde os objetivos de desenvolver o conhecimento sejam permanentes tanto na equipe em ação, quanto na comunidade envolvida, estabelecendo uma identidade que seja sustentável culturalmente, para a consolidação do relacionamento das pessoas com a natureza. O estabelecimento de uma metodologia de execução do projeto de ecoturismo também é fundamental para que o mesmo transcorra de acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável.

No gerenciamento do projeto de ecoturismo surgem os contraditórios: *sustentabilidade e poder de ação*.

Sendo uma relação de poder de ação, devido ao conhecimento e domínio da informação, este contraditório surge como fator favorável a implantação e implementação de projetos ecoturísticos adequados e sustentáveis para a utilização da sociedade diretamente envolvida no processo.

A sustentabilidade ambiental depende das gerações atuais e constitui-se numa questão complexa, pois sua aplicação exigirá mudanças na produção e no consumo, em formas de pensar e de viver. No ecoturismo, a sustentabilidade parte da educação ambiental comunitária local, da conscientização do turista incitando a preservação dos recursos, do estabelecimento de políticas preservacionistas e da conscientização do coletivo.

#### **4.6 Dimensão efetiva**

Na dimensão efetiva, o terceiro incluído é a real utilidade da causa (*pragmatismo da causa*), identificando o verdadeiro com o útil, verificando a efetividade do processo quanto a observância dos quesitos que justificam a sustentabilidade do projeto, bem como sua contemplação de realização e felicidade (emoção).

No ecoturismo, a efetividade deve atingir seu rigor de maneira que garanta o processo em sua totalidade, principalmente pela manutenção do equilíbrio do ecossistema local, garantindo o seu desenvolvimento sustentável e da sociedade.

Como par de contraditórios tem-se: a *eficácia* e a *eficiência*, cujas interações fornecem conformidade à efetividade.

Esta é a justificativa da sustentabilidade do projeto, que possui satisfação subjetiva da comunidade, com respeito a determinada iniciativa, garantindo sua verdadeira função. Esta dimensão retorna ao afetivo numa ação transdisciplinar ampla e perene.

## **5. CONCLUSÕES E SUGESTÕES PARA FUTUROS TRABALHOS**

### **5.1 Conclusões**

Como atividade de impacto ambiental, o ecoturismo é um produto que se apoia em facilidades altamente integradas ao meio, ou em veículos e equipamentos que se integrem com o grupo ecoturista.

Opõe-se ao turismo de massa e caracteriza-se pela participação de um número reduzido de pessoas, e do conseqüente pequeno porte dos equipamentos, tanto de hospedagem como os de transporte para os centros urbanos ou de locomoção dentro das áreas de conservação.

O ecoturismo induz aos interessados a buscar novos métodos e técnicas para exercitarem o turismo, mas em harmonia com a consciência de preservação com o produto turístico.

A saúde da natureza é, sem sombra de dúvidas, a saúde do homem. A inserção do pensamento transdisciplinar no desenvolvimento do ecoturismo na Ilha de Santa Catarina, constituirá em uma base imprescindível para alternar a inércia e degradação em que se está caindo.

O ecoturismo na perspectiva transdisciplinar, trata-se de um novo direcionamento para a atividade turística que considera sua complexidade. A atividade só terá êxito se os ambientalistas, a academia, os planejadores, os representantes de órgãos públicos do turismo, os empresários e a população das localidades determinarem juntos qual a evolução pretendida para o mesmo, antes da tomada das decisões finais para a implantação dos equipamentos e atividades.

A criatividade, o espírito de inovação e de cooperação entre os empresários, guias de ecoturismo, agentes ambientais e turistas se apresentam, portanto, como as alternativas mais promissoras para o desenvolvimento desta abordagem para o ecoturismo, tornando-o economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente sadio e sustentável.

Assim, fica comprovado o corpo único como o ying e o yang, no tao. Um tendendo para o outro em um movimento atemporal e sinérgico, dentro da realidade de terceira dimensão, na cultura existencial deste século, a natureza.

O movimento está criado, a "teia da vida" de Capra (1996) foi comprovada no processo. As inter-relações sócio-científico-ambientais que não podem ser ignoradas

culminam na afirmação de Einstein: "a mesma consciência que cria um problema não é capaz de promover sua solução...".

É preciso analisar os conflitos, as contradições, as representações, as crenças, as aspirações e os projetos que possam encontrar alternativas de relação social e de relação com a natureza, desafio de encontrar o equilíbrio entre natureza e as relações sociais.

## **5.2 Sugestões para futuros trabalhos**

A lógica da ciência, bem como das culturas institucionais está baseada no raciocínio de lógica binária. Há a necessidade de uma lógica ternária, transdisciplinar que possa incluir e não excluir possibilidades e discussões com toda a sua complexidade.

Os projetos de desenvolvimento do ecoturismo necessitam ser avaliados e identificados os seus níveis de sustentabilidade. As dimensões de sustentabilidade apresentadas nesta dissertação, podem servir de base para a identificação de novas dimensões para o novo estilo de desenvolvimento sustentável transdisciplinar. .

Que este trabalho possa interagir ou basear projetos para toda a atividade turística, em especial as de cunho ecológico, por afinidade e emoção da autora.

Como sugestão, ainda, aplicar a metodologia utilizada neste trabalho em outras áreas do turismo.

Quaisquer atividades podem ser planejadas com este olhar transdisciplinar, uma vez que transita por diferentes níveis de realidade e pode transitar por diferentes disciplinas, portanto, pode-se analisar a possibilidade de aplicar esta perspectiva em outras áreas do conhecimento.

A metodologia proposta neste trabalho não teve a pretensão de excluir, como insuficientes para o desenvolvimento sustentável, os demais destacados; nem tampouco se afirmar como o único legítimo. Mas sim, como uma alternativa sustentável de desenvolvimento do ecoturismo, respeitando o ambiente, as diferentes disciplinas, tradições, artes e religiões, enfatizando que princípios éticos que culminem no bem estar das populações e do meio, estejam assegurados.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, F. Pensando e preservando o ecoturismo. *Revista Planeta*. São Paulo: Três, p. 44-47, 1996.

AGENDA 21. **Agenda 21 Florianópolis**. Disponível em: <<http://www.florianopolis.sc.gov.br/anexos/Agenda21/agenda1.htm>>. Acesso em: 16 jan. 2002.

AGENDA 21. **Agenda 21 Local do município de Florianópolis: meio ambiente quem faz é a gente**. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2000.

ANDRADE, J. V. **Turismo, fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1995.

ATIVIDADE PESQUEIRA NO PÂNTANO DO SUL. **Fotografia**. Disponível em: <<http://www.ambientesul.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 21 jan. 2002.

AVELINE, C. C. Consumir sem destruir. Rumo ao desenvolvimento sustentável. *Revista Planeta*. São Paulo: Três, n. 3, p. 33-37, 1996.

BACON, F., ANDRADE, J. A. R. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. São Paulo: Parirus, 1998.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 2001.

BITTENCOURT, J. **Conhecimento, complexidade e transdisciplinaridade**. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSC, 1997.

BONTEMPO, M. **Manual da medicina integral: o mais completo guia das terapias alternativas já publicadas no Brasil**. São Paulo: Best Seller, 1994.

CALCAGNO, E. Evolución y actualidad de los estilos de desarrollo. *Revista de la CEPA*. N 42, 55-67, 1990.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARUSO, M. M. L. **O desmatamento da Ilha de Santa Catarina de 1500 aos dias atuais**. Florianópolis: UFSC, 1990.

CASAN - Companhia Catarinense de Águas e Saneamento. **Desempenho: indicadores da Casan**. Disponível em: [http://www.casan.com.br/comp\\_desempenho\\_mapa.htm#Florianopolis](http://www.casan.com.br/comp_desempenho_mapa.htm#Florianopolis). Acesso em: 20 mai. 2002.

CASCAES, F. J. **Bruxas e benzeduras: folclore recolhido na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis, 1968.

CASCAES, F. J. **O fantástico na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1989.

CASTILHO, J. Geologia e Geomorfologia da Ilha de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.ceca.org.br/geologia.html>. Acesso em: 20 mai. 2002.

CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA. **Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Insular, 1997.

CETRANS. **Centro de educação transdisciplinar.** Disponível em: <<http://www.cetrans.futuro.usp.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2001.

COMCAP – COMPANHIA MELHORAMENTOS DA CAPITAL. **Planejamento da temporada de verão 99/2000.** Disponível em: <<http://www.comcap.org.br>>. Acesso em: 28 jan. 2002.

CRUZ, O. **A Ilha de Santa Catarina e o continente próximo: um estudo de geomorfologia costeira.** Florianópolis: UFSC, 1998.

D'AMBROSIO, U. **Transdisciplinaridade.** São Paulo: Palas Athena, 1997.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** São Paulo: Futura, 2000.

DESCARTES, R. **Discurso do método.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo. **Programas.** Disponível em <<http://www.embratur.gov.br/conheca/programas/ecoturismo.asp?id=pj>>. Acesso em: 2 jan. 2002.

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo. **Turismo, estatísticas.** Disponível em [http://www.embratur.gov.br/conheca/outrosassuntos/viva\\_seu\\_novo\\_brasil.asp?id=ou](http://www.embratur.gov.br/conheca/outrosassuntos/viva_seu_novo_brasil.asp?id=ou). Acesso em: 15 out. 2001.

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo. **Brasil - Política nacional de turismo: diretrizes e programas (1996-1999).** Brasília: Embratur, 1996.

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo. **Brasil - Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo.** Coordenação de Sílvio Magalhães Barros II e Denise Hamú M. de La Penha. Brasília: Embratur, 1994.

FAZENDA, I. **Didática e interdisciplinaridade.** Campinas: Papyrus, 1998.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papyrus, 1994.

FILHO, G. M. **O mito do desenvolvimento sustentável**. Florianópolis, 1999. Tese (Doutorado em Interdisciplinaridade em Ciências Humanas) – Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFSC, 1999.

FRANZONI, A. M. B. **Avaliação do meio físico para fins de planejamento geoambiental no traçado e manutenção de rede viária: Ilha de Santa Catarina – SC**. Rio Claro, 2000. Tese (Doutorado em Geociências) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, 2000.

GRANGER, G.. **A ciência e as ciências**. São Paulo: UNESP, 1994.

GUERRA, C. G. M. **Transdisciplinaridade como (re)ligação entre ciência e cultura: da antiga China à informática educativa e musical**. Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSC, 1996.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: UFPB, 1996.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IPUF – INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS. O município de Florianópolis. Disponível em: <<http://www.ipuf.sc.gov.br/principal.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2002.

JAPIASSU, H. F. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LAGOA DA CONCEIÇÃO. **Fotografia**. Florianópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.haxitrips.com.br/viagens/florianopolis.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2002.

LAGOA DO PERI. **Fotografia**. Florianópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.ambientesul.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 21 jan. 2002.

LAMBRANHO, L.. **Reserva de água está ameaçada. Folha do norte da ilha**. Florianópolis: [s.n.], out., p. 4, 1998.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEI ESTADUAL 6.063/82 e LEI FEDERAL 6.766/79. **O parcelamento do solo urbano**. Florianópolis: SDM/DURB/GEPLA, 1997.

MATURANA, H., VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MOLINA E., S. **Turismo y eco-logia**. México: Trillas, 1998.

MORIN, E. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

MORIN, E. **O método 4**. As idéias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORIN, E. **O método 1**. A natureza da natureza. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

NALIO, A. Radicais por natureza. **Os caminhos da terra**. 57. ed. São Paulo: Azul, jan., p. 58-69, 1997.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e Desenvolvimento**. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1998.

OMT - Organização Mundial do Turismo. **Demanda turística internacional 2000**. Disponível em: [http://www.embratur.gov.br/conheca/outrosassuntos/viva\\_seu\\_novo\\_brasil.asp?id=ou](http://www.embratur.gov.br/conheca/outrosassuntos/viva_seu_novo_brasil.asp?id=ou) Acesso em: 20 dez. 2000.

OMT - Organização Mundial do Turismo. **Tendências del mercado turístico: Américas (1986-1996)**. Madrid: OMT, 1997.

OMT – Organização Mundial do Turismo. **Desenvolvimento de Turismo Sustentável: manual para organizadores locais**. Brasília: Embratur, 1994.

PAUL, P. **Os diferentes níveis de realidade entre ciência e tradição**. Disponível em [http://www.cetrans.futuro.usp.br/diferentes\\_niveis.html](http://www.cetrans.futuro.usp.br/diferentes_niveis.html)>. Acesso em: 6 jun. 2001.

PEREIRA, J. M. L. **Reintegração da Ponte Hercílio Luz ao sistema viário do município de Florianópolis/SC: Uma abordagem visando a qualidade do ambiente urbano**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 2000.

PINHO, A. P. , BERNARDI, E. C., JUNCKES, K. F. **Fortalezas da Ilha de Santa Catarina**. VHS/NTSC. Florianópolis: Projeto Larus – UFSC, 1995.

PIRES, P. S.; MARTINI, C. **O ecoturismo em Santa Catarina e o cenário nacional**. Balneário Camboriú: FATHUVI, 1996.

PMF – PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Perfil de Florianópolis**. Florianópolis, 2002. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br>>. Acesso em: 3 jan. 2002.

PMF – PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Turismo**. Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br>>. Acesso em: 20 jul. 2001.

PNMT. **Programa nacional de municipalização do turismo**. Brasília: Embratur, 1994.

PROJETO AMBIENTE SUL. **Plano de referência para um desenvolvimento sustentável no sul da Ilha de Santa Catarina**. Disponível em: <http://www.ambientesul.hpg.ig.com.br/index.htm> Acesso em: 05 jan. 2002.

RELATÓRIO ECO-92. **IV. 10 Ecoturismo: uma opção de desenvolvimento sustentado**. Relatório Nacional Eco – 92. Brasília: EMBRATUR, 1992.

RODRIGUES, A. B. **Turismo desenvolvimento local**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

RONCA, P. A. **O conhecimento total: a transdisciplinaridade é vista como o caminho para dominar os saberes que se acumulam de forma cada vez mais vertiginosa**. São Paulo, 2001. Disponível em: [http://www.uol.com.br/novaescola/ed/148\\_dez01/html/fala\\_mestre.htm](http://www.uol.com.br/novaescola/ed/148_dez01/html/fala_mestre.htm). Acesso em: 16 dez. 2001.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Impactos ambientais do turismo ecológico no Brasil**. *Revista Turismo em Análise*. São Paulo: [s.n.], v. 4, n. 1, p. 56-68, maio, 1993.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI: para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAMPAIO, C. A. C. **Gestão organizacional estratégica para o desenvolvimento sustentável**. *Turismo visão e ação*, Itajaí: Editora da Univali, n.6, p. 97-115, 2000.

SERRANO, C. M. T.; BRUHNS, H. T. **Viagens à natureza turismo, cultura e ambiente**. São Paulo: Papyrus, 1997. 122 p.

SILVA, D. J. **O paradigma transdisciplinar: uma perspectiva metodológica para a pesquisa ambiental**. Florianópolis, 2000. Disponível em: <http://www.cetrans.futuro.usp.br/art5.htm>. Acesso em: 20 ago. 2000.

SILVA, D. J. **Uma abordagem cognitiva ao planejamento estratégico do desenvolvimento sustentável**. Florianópolis, 1998. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, 1998.

SONAGLIO, K. E. **Ecoturismo terapêutico**. 1999. Monografia (Graduação em Turismo) – Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Florianópolis, ESTH, Florianópolis, 1999.

SONAGLIO, K. E.; LAPOLLI, E. M. **Ecoturismo em Florianópolis: um paradigma transdisciplinar em construção**. In: IV ENTBL, 2000, Joinville. *Anais*. Joinville, 2000. 1CD.

SONAGLIO, K. E.; LAPOLLI, F. R.; VALDUGA S. **Uma visão transdisciplinar para a sustentabilidade do turismo em Florianópolis**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO, 2001, Fortaleza. *Anais*. Fortaleza: ABBTUR, 2001. 1CD.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000.

TRIGO, L. G. G. **Turismo e qualidade tendências contemporâneas**. São Paulo: Papirus, 1996.

VIEIRA, S. J. **Seleção de áreas para o sistema de tratamento e disposição final dos resíduos sólidos de Florianópolis/SC**. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, UFSC, 1999.

WAHAB, S. A. **Introdução à administração do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1991.

WEIL, P.; D'AMBROSIO, U.; CREMA, R. **Rumo à nova transdisciplinaridade**. São Paulo: Summus, 1993.